

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN

Bianca Móra Bortoluzzi
Silvana Braga Martins

CONTOS E ENCONTROS: DIÁLOGO ENTRE LIVROS E PESSOAS

FLORIANÓPOLIS

2014

Bianca Móra Bortoluzzi

Silvana Braga Martins

CONTOS E ENCONTROS: DIÁLOGO ENTRE LIVROS E PESSOAS

Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS

2014

Agradeço ao apoio que recebi durante todo o meu percurso acadêmico dos meus pais Adailton e Neiva e, *in memoriam*, a minha irmã Camila. (Bianca Móra Bortoluzzi)

Agradeço a minha família pelo apoio que recebi durante todo o meu percurso acadêmico, principalmente ao meu esposo Maycon por sua compreensão e companheirismo. Agradeço também a minha orientadora Maria Izabel pelas lições durante todo o Estágio I, à Professora Rita pelo auxílio e aos alunos da turma 72 pelo carinho e paciência. (Silvana Braga Martins)

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

SUMÁRIO:

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	8
1 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	9
1.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	9
1.1.1 ESCOLA	9
1.1.2 TURMA	11
1.1.3 PROFESSORA REGENTE	12
1.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA	13
1.2.1 PROBLEMATIZAÇÃO, ESCOLHA E JUSTIFICATIVA DO TEMA	13
1.2.2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.2.3 OBJETIVOS:	20
1.2.4 CONHECIMENTOS TRABALHADOS:	20
1.2.5 METODOLOGIA	21
1.2.6 PLANOS DE AULAS	24
1.3 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL	68
2 A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE:	73
2.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA EXTRACLASSE:	73
2.1.1 INTRODUÇÃO:	73
2.1.2 REFERENCIAL TEÓRICO:	75

2.1.3 OBJETIVOS:	80
2.1.4 CONHECIMENTOS TRABALHADOS:	81
2.1.5 METODOLOGIA:	82
2.1.6 PLANOS DE AULAS DAS OFICINAS	84
IMAGENS DA VISITA À IMPRENSA UNIVERSITÁRIA	100
2.2 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ATIVIDADE EXTRACLASSE:	103
3 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105

RESUMO

O estágio supervisionado é uma oportunidade para os acadêmicos dos cursos de licenciatura correlacionarem a teoria e a prática no exercício efetivo da docência. Nesse movimento, aprendemos que ser professor é mais do que transmitir conhecimento aos alunos. E para poder ensinar, o professor precisa estar disposto a aprender, a aceitar os novos desafios que os alunos oferecem e não ficar reproduzindo o mesmo modo de ministrar a aula durante anos e anos de docência. Ser professor é estar disposto a realizar a cada dia as atividades da melhor maneira possível para que o processo ensino-aprendizagem aconteça. O espaço da realização da nossa prática de docência foi a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, localizada no bairro do Pantanal e com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental. No projeto de docência *Contos e Encontros: diálogo entre pessoas e livros*, elegemos o texto como unidade de ensino (GERALDI, 2011) e o gênero discursivo conto (BAKHTIN, 2011 [1952/53]) como objeto de ensino das aulas de Língua Portuguesa. Compreendemos que a escola é o lugar onde crianças e adolescentes precisam ter a convivência com várias experiências de leitura e aprendizagem (independentemente da disciplina) de modo articulado a sua vida cotidiana. Assim, pretendíamos oportunizar a articulação dos conhecimentos que os alunos já possuem com o contato com novas experiências de fruição através da leitura de contos de fadas. Os conhecimentos que foram privilegiados no projeto de docência referem-se à função social, à esfera de circulação e à forma de composição do gênero conto. Com base no estudo desse gênero, destacamos aspectos da Língua Portuguesa e da Literatura em articulação com as práticas de uso da língua materna (fala/escuta, leitura/escrita e reflexão sobre os recursos discursivos, textuais e linguísticos), sendo que no decorrer do projeto os alunos tiveram a oportunidade de realizar diversas atividades e, por fim, escrever adaptações de contos de fadas. A metodologia utilizada nas aulas foi realizada de modo a alcançar os objetivos de cada uma das 16 aulas ministradas, através de aulas expositivo-dialogadas, leitura-fruição e leitura-estudo de contos, atividades de interpretação, produção de textos e sessões de contação de histórias. Além disso, na última aula do período de docência, os alunos foram levados ao Centro Comunitário do Bairro Pantanal (CCPAN) para contar a outras crianças os contos adaptados que produziram. Além do projeto acima mencionado, também realizamos com os alunos o projeto extraclasse de ensino da língua portuguesa, como parte do nosso exercício de docência, em 4 oficinas realizadas no contraturno. O projeto incluiu o estudo e a apropriação de gêneros da esfera jornalística para a elaboração e publicação da 5ª edição do jornal da escola (Notícias do Beatriz). O estágio supervisionado proporcionou, tanto para as estagiárias quanto para os alunos da Escola, uma oportunidade ímpar de troca de experiências e de aprendizado.

Palavras-chave: língua portuguesa; estágio supervisionado; gêneros do discurso; conto.

INTRODUÇÃO

Ensinar Língua Portuguesa e Literatura em escolas públicas e privadas sempre foi e continua sendo um desafio, principalmente para professores iniciantes, pois ser professor é mais do que transmitir conhecimentos aos alunos. Para poder ensinar, o professor precisa estar disposto a aprender, a aceitar os novos desafios que os alunos oferecem e a não ficar reproduzindo a mesma forma de ministrar a aula durante anos e anos de docência. Ser professor é estar disposto a realizar a cada dia as atividades da melhor maneira possível para que o ensino-aprendizagem aconteça.

Ao longo de nossa formação acadêmica, estudamos diversas teorias de literatura, de análise linguística, de educação, entre outras. Contudo, apenas nas últimas duas fases é que realmente os acadêmicos entram em sala de aula para entender o que é o ambiente escolar e seus desafios diários. Na tentativa de aproximar os conhecimentos abordados na Universidade com a prática cotidiana, tem-se o Estágio Obrigatório I, que se constitui para a maioria dos licenciandos como a primeira experiência docente. Desse modo, essa disciplina constitui-se como uma das principais etapas da formação, visto que é a partir dela que passamos a nos inteirar do ambiente escolar em todos os sentidos, mas principalmente o de ser professor. Também é no Estágio Obrigatório I que podemos eleger uma teoria e escolher um modelo de educação para fundamentar nossa ação docente.

Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, porém, ao traçarmos um percurso histórico, percebemos que durante muito tempo as aulas de português eram centradas no ensino da gramática, utilizando muitas vezes a literatura como pretexto para ensinar as regras gramaticais e/ou como leituras obrigatórias do cânone para os alunos responderem a uma ficha de leitura para o professor dar nota e, também, como modelo de “escrever bem” a língua materna.

A literatura, por sua vez, tradicionalmente, foi ensinada através de escolas literárias em que partes de obras consagradas eram lidas e tarefas realizadas para que os alunos “aprendessem” as características de cada escola literária (ZILBERMAN, 1988).

Na tentativa de não reproduzir os modelos tradicionais citados no breve panorama acima, elaboramos um projeto de docência visando tornar as aulas de Língua Portuguesa e de Literatura mais produtivas e prazerosas para os alunos, além de fonte de formação de leitores críticos e reflexivos para além da vida escolar, a fim de que os alunos desenvolvam o domínio da língua para circularem em diversas esferas sociais e

comunidades de fala, pois compreendemos que a escola é o lugar onde crianças e adolescentes devem ter a convivência com várias experiências de leitura e aprendizagem (independentemente da disciplina) e que essas devem ser englobadas na vida cotidiana dos alunos.

Sendo assim, o nosso projeto intitulado “Contos e encontros: diálogo entre livros e pessoas” pretendia oportunizar a articulação dos conhecimentos que os alunos já possuem com o contato com novas experiências de fruição através da leitura de contos de fadas.

Esse projeto foi desenvolvido e concretizou-se em 16 aulas com uma turma de 26 alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, localizada no bairro do Pantanal, no município de Florianópolis/SC.

E é justamente sobre esse projeto que discorreremos neste relatório que se constitui como etapa final da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, que tem por objetivo apresentar todos os trabalhos desenvolvidos pelas estagiárias com os alunos e os resultados da ação pedagógica.

1 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

1.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

1.1.1 Escola

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito é conhecida no bairro por estar ativa há bastante tempo, sendo que iniciou as suas atividades nos anos 1930 com as casas-escolas no Sertão do Pantanal. A Escola foi inaugurada “oficialmente” em 13 de dezembro de 1963 (onde atualmente é o Centro Comunitário) com o nome de Professora Beatriz de Souza Brito em homenagem a uma antiga professora da cidade. A inauguração do atual prédio da Escola foi no dia 02 de maio de 1986 (Decreto nº 084). Foi também nesse mesmo ano que ocorreu a implantação das turmas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental na Escola. No ano de 2013, a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito completou 50 anos de trajetória. E, de acordo com o coordenador pedagógico e professor Pedro Cabral, a Escola em todos esses anos busca oferecer um

ensino público de qualidade, sendo isso possível com a ajuda de toda a comunidade do bairro do Pantanal.

Atualmente, o quadro administrativo da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito tem a seguinte formação: Edilton Luis Piacentini, diretor; Salma da Silva, responsável pela organização do trabalho administrativo, ficha de frequência, controle dos estagiários e agendamentos dos espaços e de cópias; Myliane Gonçalves, responsável por serviços relacionados à secretaria da escola, atender os alunos e pais e substituir o diretor em sua ausência; Maria Aparecida A. Demaria, supervisora, responsável pela organização do trabalho pedagógico do 1º ao 5º ano; Pedro Cabral Filho, responsável pela organização do trabalho pedagógico do 6º ao 9º ano e elaboração de projeto de tempo integral; Gládis Helena Machado, responsável pelo apoio pedagógico junto à Maria Aparecida e Pedro e pelo currículo da escola; Fernanda Claudia da Silva, bibliotecária; Roque Vitório Pereira, professor readaptado que auxilia nas atividades da biblioteca; e Regiane Aparecida do Amaral, responsável pela sala informatizada. Além dos profissionais mencionados, a Escola conta também com o apoio de 1 profissional efetiva e 11 terceirizados nos serviços gerais e na cozinha. Sobre o quadro docente: 13 professores são efetivos e 13 professores são contratados em caráter temporário (ACTs). No geral, todos esses profissionais atendem 250 alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I e 196 alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental II.

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito apresenta a seguinte infraestrutura: uma sala dos professores, uma secretaria, uma sala da direção, uma sala de coordenação pedagógica, um ginásio coberto, uma biblioteca, uma sala informatizada, um auditório, um refeitório e 10 salas de aula. Também há um estacionamento para os veículos dos professores e uma guarita para a vigilância do prédio. É interessante notar que a estrutura física da Escola apresenta um formato diferente do convencional, pois foi construída no declive de um morro, sendo assim os diversos ambientes da Escola estão dispostos em grandes alas ligadas por escadas. Observa-se também que o projeto arquitetônico da Escola aproveitou a mata nativa da região, pois o prédio é arborizado e as salas são claras e arejadas.

A Escola, apesar de antiga, mostra-se muito bem cuidada e organizada, vê-se que os profissionais que ali trabalham prezam pela conservação e manutenção do espaço físico disponível, dessa forma também incentivam os alunos a prezar e cuidar do prédio

escolar como um todo, não sujando e deprecando os ambientes, o que proporciona um clima acolhedor e familiar.

Sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Beatriz de Souza Brito, nota-se que tem como eixo norteador o estímulo à leitura, sendo que a equipe escolar acredita que a promoção da leitura e da escrita representa uma das chaves para a mudança da qualidade de ensino do Brasil.

Tendo o norte acima referido, a Escola possui um projeto central intitulado: “*Ler e Escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas*”, que visa responsabilizar os professores de todas as disciplinas pela formação dessas competências, e não apenas o professor da disciplina de língua portuguesa. Para que isso fosse possível, a escola investiu na formação do seu quadro docente, sendo que desde 2004 o projeto vem fazendo parte da proposta de educação continuada oferecida pela prefeitura municipal. Para tanto, duas profissionais de São Paulo, uma da área de Língua Portuguesa e uma de Matemática foram contratadas para ajudar nesse processo. A formação era realizada em dois dias por semestre. Com a mudança de foco da formação continuada, o fazer pedagógico da escola também mudou, pois a forma de pensar e trabalhar dos professores tornou-se outra. Esse tipo de formação foi construído ao longo de dez anos. Neste ano, porém, a Escola optou por pensar outros projetos na formação continuada como o ensino integral e o currículo escolar até o 9º ano, a partir do ano que vem.

1.1.2 Turma

A turma 72 (7º ano do Ensino Fundamental) é composta por 26 alunos, sendo 9 meninos e 17 meninas. No entanto, percebemos ao longo dos períodos de observação e de docência que os alunos que frequentavam as aulas não passaram de 18.

Com a aplicação do questionário sobre interesses sociais e de aprendizagem dos alunos, 17 alunos responderam, sendo 11 meninas e 6 meninos, percebemos que em sua maioria, eles têm idade entre 12 e 13 anos, mas tem um aluno com 15 anos. A turma mostra-se bastante diversificada, com alunos de diferentes constituições familiares e sociais, alguns em situação de vulnerabilidade social. A disciplina que os alunos preferem é ciências, apesar de responderem que adoram ler (dentro e fora da Escola) e de escrever textos, principalmente fábula e crônica.

Devido, possivelmente, à faixa etária, os alunos são bastante agitados, no entanto, nota-se que são interessados e participativos. A relação entre os alunos é amigável, normalmente eles interagem bastante entre si, sobressaindo o coleguismo e o respeito mútuo.

A relação com a professora também mostra-se tranquila, enquanto a professora fala, os alunos normalmente prestam atenção, salvo algumas intervenções, mas que, de um modo geral, não influenciam consideravelmente no desenvolvimento das aulas.

1.1.3 Professora regente:

A professora da turma, que chamaremos de Maria, tem uma larga experiência na carreira docente, são 19 anos lecionando. A professora é formada pela Universidade Federal de Santa Catarina e se orgulha disso. Na Escola Básica Beatriz de Souza Brito, ela trabalhou em 2010 como ACT e desde o início deste ano como efetiva. Atualmente, a professora tem uma carga horária de 60 horas semanais (município e Estado), distribuídas em 11 turmas e com aproximadamente 330 alunos.

O ensino de Língua Portuguesa na turma 72 (7º ano do Ensino Fundamental) é, segundo a professora, focado no estudo de gêneros textuais (quatro gêneros em um ano letivo) que circulam nas mais diferentes esferas sociais e com o estudo de alguns conteúdos gramaticais para uma melhor compreensão e também produção textual do gênero em estudo e atividades que envolvem pesquisa e leitura. Sobre o ensino de Língua Portuguesa como disciplina curricular, a professora Maria diz:

O ensino de Língua Portuguesa objetiva, principalmente, o estudo de gêneros textuais que circulam nas mais diferentes esferas sociais; o estudo de alguns conteúdos gramaticais para uma melhor compreensão e também de produção do gênero e atividades que envolvem pesquisa e leitura – sempre a partir de sequências didáticas.

Durante o acompanhamento de sua prática docente, foi perceptível que Maria procura trabalhar na perspectiva do gênero como meio de ensinar os princípios da língua. Foi perceptível também que cultivar o hábito de leitura nos alunos é um desafio para o professor, sendo assim, a professora busca estimular a leitura por separar um momento da aula toda semana para leitura em sala e visita à biblioteca para troca de livros, por isso considera de extrema importância a existência de uma biblioteca na Escola.

Quanto à escrita, a professora solicita a produção textual do gênero estudado e pede para que os alunos planejem, elaborem e revisem seus textos e, quando necessário, solicita a reescritura do texto que tenha apresentado problemas. Na oralidade, Maria chama a atenção para a importância de ouvir o outro e, principalmente, quando se trata de crianças e adolescentes. Percebemos, inclusive, durante o período de observação que ela solicita o respeito à fala do outro, de modo que fala e escuta fazem parte do processo avaliativo.

Em relação ao planejamento de suas aulas, a professora procura “exercer a docência, sempre que possível, a partir do diálogo, da interação e através de sequências didáticas”, e procura planejar as suas aulas contemplando as sugestões dadas pelos estudantes, colegas de trabalho, pesquisas e leituras dentro e fora de sala de aula.

1.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA

1.2.1 Problematização, escolha e justificativa do tema

Durante o período de observação pudemos notar como as atividades com a turma se desenvolvem e como ela se comporta diante das propostas da professora de Língua Portuguesa. Pudemos notar também que a maioria da turma cultiva o hábito da leitura, não por acaso, mas devido à Escola desenvolver um projeto de leitura e escrita há mais de 10 anos. Sendo assim, a professora, por sua vez, dedica uma aula toda semana para leitura e visita à biblioteca. Dessa forma, eles podem ficar à vontade para escolher o gênero discursivo e título que mais lhes agradam para leitura-fruição, inclusive fora do espaço escolar.

Durante as aulas, a professora da turma também leu para os alunos. Tivemos a oportunidade de presenciar uma aula em que a professora leu uma crônica com o objetivo de trabalhar com os alunos a produção de crônicas com diálogo argumentativo. Esse momento nos fez perceber que é possível trabalhar com a turma diversos gêneros discursivos através do viés bakhtiniano.

Visto que a professora da turma já havia trabalhado gêneros como poesia, memória e crônica, nós optamos por trabalhar (de acordo com o planejamento dela) com

um gênero discursivo que se aproximava, em alguns aspectos, dos anteriormente estudados pelos alunos – o conto.

Ao aplicarmos o questionário sobre interesses sociais e de aprendizagem aos alunos, notamos que a maioria afirmou ter algum contato com os contos, sendo que muitos apontaram a leitura de contos de fadas como *A Bela e a Fera* e *Os três porquinhos*. Entretanto, notamos que essas leituras estão ligadas a evocações da infância e a uma certa ingenuidade acerca do que são esses clássicos, por isso optamos por trabalhar alguns contos de fadas através de suas adaptações. Dessa forma, os resgatamos de uma memória subjetiva e os tornamos mais interessantes e atraentes para a faixa etária dos alunos, partindo do princípio de que a leitura dos contos clássicos é proveitosa e prazerosa em qualquer idade, ainda mais quando já se tem uma ideia do que tratam.

1.2.2 Referencial teórico

A principal orientação teórica que fundamentou o nosso projeto de docência é baseada no teórico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), visto que ele entende a linguagem/língua como interação verbal e os sujeitos como sendo historicamente constituídos. Pode-se entender, com base nesse autor, que a linguagem/língua é o “lugar” onde ocorre a interação verbal, pois possibilita aos sujeitos interlocutores de um determinado entorno cultural a prática de vários atos de linguagem/língua e de também obter uma reação-resposta dos outros interlocutores.

Assim, os sujeitos, sendo historicamente constituídos, participam de diferentes interações sociais e o modo como eles internalizam o discurso do outro é singular. Além disso, o sujeito não é totalmente determinado por suas ideologias, como também não é absoluto em si, e sim constituído na relação com o outro. Dessa forma, Bakhtin (1929) compreende que o sujeito está em constante devir e em diálogo constitutivo com a alteridade, sendo assim, ele é parte de um todo e está em permanente processo de constituição.

É por meio das relações de alteridade e nas interações sociais que o sujeito se atualiza, reformula, constitui-se e se posiciona axiologicamente frente a seus interlocutores. O trecho do poema “Contranarciso” do poeta Paulo Leminski (2013) traduz de forma poética esse sujeito entendido por Bakhtin.

Em mim
Eu vejo o outro E outro
Enfim dezenas
Trens passando
Vagões cheios de gente
Centenas
O outro
Que há em mim
É você
Você
E você
Assim como
Eu estou em você
Eu estou nele
Em nós
Estamos em paz
Mesmo que estejamos a sós [...]

Em se tratando da linguagem/língua, a concepção em que se ancorava o projeto foi a compreensão de um objeto social, tomada nos usos situados e por sujeitos historicizados em suas relações intersubjetivas. A língua institui as relações intersubjetivas e o emprego da mesma efetua-se em forma de enunciados, sejam orais ou escritos, concretos e únicos, proferidos pelos integrantes em qualquer campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2009[1929])

A linguagem/língua pode ser oralizada (expressão oral) ou escrita (sinais gráficos) e as mesmas possuem diferentes níveis de expressões (coloquial ou padrão). Isso porque, dependendo da esfera social em que o sujeito esteja, ele irá utilizar a linguagem/língua mais adequada para a situação de interação em que se encontra envolvido em um determinado momento histórico. (BAKHTIN, 2009[1929])

A linguagem/língua oral de um sujeito começa ainda quando bebê, com os balbucios. Com o passar dos anos esse sujeito vai aprendendo a se comunicar oralmente com outros sujeitos, pois vai crescendo, saindo do balbucio e começando a se expressar por palavras e frases. E é importante ressaltar que a aquisição da linguagem/língua oral ajuda na aquisição da linguagem/língua escrita.

Já a linguagem/língua escrita é uma herança cultural e específica de cada sociedade, sendo que existem sociedades ágrafas, ou seja, sociedades que não possuem a língua escrita. Como a escrita é um artefato de determinadas culturas, seu ensinamento comumente ocorre, conforme aponta Zorzi (2003), nas escolas (públicas ou privadas).

E tendo em vista que antigamente a linguagem/língua escrita, no nosso caso a Língua Portuguesa, era considerada, e há quem ainda a considere, apenas como resultado de uma relação entre um som de nossa língua (fone) e um sinal gráfico

(grafema) que o representa, surge a necessidade de uma nova forma de abordagem que propicie melhor o processo de ensino-aprendizagem da escrita.

Sendo assim, o nosso ponto de articulação no projeto de docência se deu em modalidades mais abrangentes da língua, ou seja, fala/escuta, leitura/escrita e reflexão sobre a língua materna. Para tanto, recorremos ao conceito de letramento (KLEIMAN,1995) como base.

A sociedade costuma tomar *alfabetização* e *letramento* como conceitos sinônimos, compreendendo que letramento é um fenômeno exclusivo da escolarização. Em língua inglesa *alfabetização* e *letramento* são designados pela mesma palavra, *literacy*. No Brasil, entretanto, o conceito de *letramento* surgiu exatamente para dar conta de determinadas questões que o conceito de *alfabetização* não abarcava já que se tratava de um conceito ligado apenas ao domínio do sistema alfabético.

Os estudos sobre letramento têm sido expressivos nas últimas décadas no Brasil, disseminados por estudiosas como Ângela Kleiman e Magda Soares. Sendo assim, o nosso projeto de docência se fundamentou, entre outras obras, em Kleiman (1995), que com base em Street (1984) faz um estudo antropológico sobre esse fenômeno.

Segundo o Dicionário Houaiss (2001, p. 1747) em uma das definições do verbete, letramento é o “[...] conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito [...]”. Sob essa perspectiva, letramento é uma prática social, pois os diferentes usos da escrita e da leitura estão nos diferentes entornos socioculturais. A sociedade é movida por relações intersubjetivas, pois a linguagem/língua atende a finalidades específicas, ou seja, o modo da pessoa falar ou escrever irá depender do ambiente, da situação de interação e da mensagem que quer transmitir. Devemos evitar adjetivar os fenômenos de letramento, mas entendemos que quatro adjetivações são procedentes: familiar, escolar, acadêmico e religioso.

Segundo Street (1984 apud KLEIMAN, 1995), podemos compreender o fenômeno do letramento a partir de dois modelos: *modelo autônomo de letramento* e o *modelo ideológico de letramento*. No *modelo autônomo de letramento* a escrita seria tomada na perspectiva da imanência e independência dos contextos de uso. Esse modelo tende a prevalecer nas escolas as quais, na maioria das vezes, generalizam o sujeito aprendiz independentemente de sua historicidade. Já o *modelo ideológico de letramento* é o conjunto de práticas sociais em que o contexto histórico-social do sujeito é fundamental para o aprendizado, pois esse modelo prima pela sensibilidade antropológica em relação à natureza social e historicamente situada dos usuários da

escrita. E as *práticas de letramento* são as formas culturais de fazer o uso da escrita e são situadas socioculturalmente. Além disso, as práticas não podem ser visualizadas porque são vivências, valorações que estão por trás dos eventos; Street nomeia o evento como participar de uma aula de literatura, e apenas infere as práticas - valores atribuídos a esse evento, vivências que o antecedem.

Já os *eventos de letramento* são situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido na situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas. Podemos citar dois exemplos de eventos de letramento: uma aula e uma cerimônia de formatura. Ainda, os eventos de letramento são os episódios observáveis dos quais depreendemos as práticas de letramento. Isso pode ser entendido melhor na relação com a metáfora do *iceberg*, em que as práticas de letramento seriam a base do *iceberg* (que fica escondida), enquanto os eventos seriam o topo (que fica visível).

Os eventos de letramento podem ocorrer de diversas formas e em diversas esferas sociais, sendo que em cada campo de utilização da linguagem/língua, principalmente escrita, esses eventos elaboram seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais são chamados de *gêneros discursivos* (BAKHTIN, 2011 [1952/53]). Os gêneros discursivos são infinitos, pois são inesgotáveis as possibilidades da atividade humana. Ainda assim, segundo Bakhtin (2011), podem ser agrupados em *gêneros discursivos primários* e *gêneros discursivos secundários*. Os gêneros discursivos primários são aqueles mais próprios de situações de comunicação verbal cotidiana, são considerados “simples”, e um exemplo pode ser um *bilhete*. Já os gêneros discursivos secundários tendem a ter muitas vozes em dialogia, são considerados “complexos”, e um exemplo pode ser um *romance*. Alguns gêneros, entretanto, com o passar do tempo, deixaram de ser primários e passaram a ser secundários. Um exemplo é o conto.

Antigamente, as histórias eram somente contadas oralmente e transmitidas dessa forma de geração em geração. Com o passar dos anos, porém, e as diversas mudanças sociais, a tradição oral foi se perdendo e houve a necessidade de escrita desses contos para que não caíssem no esquecimento. Quando ocorreu essa mudança, o conto passou a ser chamado de “conto literário” (GOTLIB, 2008). Um exemplo (e que trabalhamos com os alunos) foi o conto de fadas *Branca de Neve*.

Segundo Júlio Casares (*Apud* GOTLIB, 2008), o gênero discursivo conto abrange três tipos: o relato de um acontecimento, a narração oral ou escrita de um

acontecimento falso e uma fábula que se conta às crianças para diverti-las. No nosso projeto de docência vamos privilegiar o trabalho com o conto como a narração oral ou escrita de um acontecimento falso ou fictício.

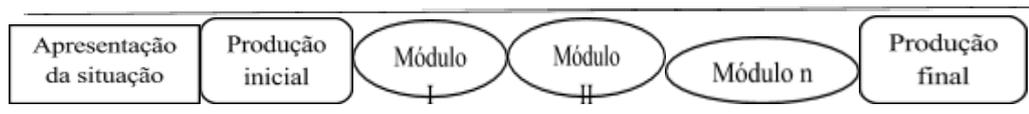
Para escrever um conto, o contista precisa ser objetivo, ou seja, a narração não se detém muito aos detalhes. E para o conto ser objetivo é preciso conter uma ação, um lugar e um tempo no passado. Portanto, escrever um conto não é tão simples como as pessoas pensam, pois não é resultado apenas da inspiração do contista, mas sim do trabalho de escrita e reescrita do mesmo (GERALDI, 2011).

Além disso, não pretendíamos apenas que os alunos compreendessem o gênero discursivo conto como uma leitura obrigatória e que seria avaliada em sala de aula pelas estagiárias. Nosso objetivo era ensinar os alunos a lerem o conto (e outros gêneros discursivos) por fruição, ou seja, “o ler por ler”, gratuitamente (GERALDI, 2011).

Sendo assim, no projeto de docência trabalhamos com o gênero discursivo conto de fadas na perspectiva bakhtiniana. Para tanto, utilizamos contos de fadas de escritores clássicos como o dinamarquês Hans Christian Andersen, o francês Charles Perrault e os alemães Irmãos Grimm (Jacob Grimm e Wilhelm Grimm).

Além de trabalharmos com os contos originais desses escritores clássicos, também trabalhamos com adaptações desses contos. Tendo em vista que a palavra adaptação pode significar que há uma modificação do texto, adequando-o (ou não) ao leitor, e que, segundo Bettelheim (Apud VALE, 2001 [1979]), as adaptações retiram episódios que os leitores adultos consideram violentos ou inadequados, é importante que, além das adaptações, a criança leitora tenha contato com os contos originais, e a partir de então possa estabelecer relações entre eles. Foi dessa forma que desenvolvemos o projeto de docência. E com o intuito de realizar um trabalho eficaz, utilizamos a metodologia da sequência didática.

A organização da sequência didática seguida foi a proposta pelos professores Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004[2001]). É importante ressaltar que para trabalhar com a sequência didática acima citada, é preciso que o professor escolha um gênero discursivo (no nosso caso, o conto de fadas), pois nós sempre nos expressamos (oralmente e por escrito) através deles, mesmo que inconscientemente. A seguir representa-se a estrutura da sequência didática que orientou a nossa ação docente no referido projeto de ensino de Língua Portuguesa:



Essa sequência didática começa pela *apresentação da situação*, ou seja, apresentar de maneira detalhada as tarefas de oralidade e de escrita que os alunos realizarão. A *produção inicial* é para o professor avaliar os alunos e, se precisar, ajustar as atividades propostas futuramente. Já os *módulos* são atividades variadas (orais e escritas) para que os alunos dominem o gênero discursivo proposto. E a *produção final* é para os alunos colocarem em prática o que aprenderam nos módulos e para o professor avaliar uma produção escrita.

Assim, a avaliação pôde ser realizada de forma progressiva e contínua ao longo da execução do projeto de docência. Dessa forma, os alunos puderam ser avaliados através de três tipos de aprendizagem de conteúdos, propostos por ZABALA (1998), que são:

- *A aprendizagem dos conceitos e princípios*: os conceitos são o conjunto de fatos, objetos e símbolos que têm características em comum. Já os princípios são as mudanças que ocorrem em fatos, objetos ou símbolos. Vale a pena ressaltar que apesar de estarem separados conceitualmente, esses dois conceitos trabalham juntos com a compreensão do aluno. O que foi avaliado nessa aprendizagem foi a apropriação do conceito do gênero conto, considerando as suas especificidades.
- *A aprendizagem dos conteúdos procedimentais*: é um conjunto de ações ordenadas e com um objetivo direcionado. Para avaliar o aluno nos conteúdos procedimentais temos que observar três eixos: o motor/cognitivo, poucas ações/muitas ações e o *continuum algorítmico/heurístico*. Os conteúdos procedimentais são, por exemplo, o ler (cognitivo, muitas ações, *heurístico*), o saltar (motor, poucas ações) e o observar (muitas ações). Em se tratando de Língua Portuguesa, os professores devem avaliar seus alunos (em termos de conteúdos procedimentais) considerando três aspectos: a exercitação múltipla, a reflexão sobre a própria atividade e a aplicação em contextos diferentes. O que foi avaliado nessa aprendizagem foi a capacidade de leitura e compreensão de contos, assim como a produção escrita.
- *A aprendizagem dos conteúdos atitudinais*: são conteúdos que podem ser agrupados em valores (emitir juízo de valor sobre alguma conduta de si ou do outro), atitudes

(tendência para atuar em diferentes lugares) e normas (regras de comportamento). O que foi avaliado nessa aprendizagem foram as atitudes dos alunos em relação às atividades propostas, mas principalmente a postura de escuta e fala entre alunos, professoras, estagiárias e convidados.

É importante ressaltar que os três tipos de aprendizagem foram avaliados em maior ou menor grau dependendo do desempenho do aluno, se ele completou ou não a atividade proposta. Além disso, os alunos fizeram três atividades valendo pontos adicionais e uma produção textual valendo nota de zero a dez.

1.2.3 Objetivos:

1.2.3.1 Objetivo geral:

O objetivo geral que moveu o projeto de docência foi potencializar as práticas do uso da Língua Portuguesa nas modalidades de fala/escuta, leitura/escrita e de produção textual, oral e escrita, cujo desenvolvimento também implicou nas práticas de análise linguística através do gênero discursivo conto.

1.2.3.2 Objetivos específicos:

- Desenvolver o prazer pela leitura de contos, pela leitura-fruição dos mesmos;
- Ampliar os conhecimentos sobre o gênero discursivo conto, pela leitura, interpretação, análise e produção de textos nesse gênero;
- Aprimorar habilidades de produção textual escrita, pela elaboração da adaptação de um conto de fadas;
- Desenvolver competências na comunicação oral e escrita para além da escola, em uma sessão de contação de histórias;
- Aperfeiçoar a capacidade de interpretação de contos de fadas, para que futuramente seja ampliado para outros gêneros discursivos;
- Aprender a utilizar os recursos discursivos, textuais e linguísticos na produção de textos através de atividades de escrita e reescrita de contos.

1.2.4 Conhecimentos trabalhados:

Os conhecimentos privilegiados no projeto de docência referiam-se à função social, à esfera de circulação e à forma de composição do gênero conto de fadas. Com

base no estudo desse gênero, destacamos aspectos da Língua Portuguesa e da Literatura em articulação com as práticas de uso da língua (fala/escuta, leitura/escrita e reflexão sobre os recursos discursivos, textuais e linguísticos).

Ao longo das 16 aulas de Língua Portuguesa, trabalhamos os seguintes conhecimentos:

- Gênero discursivo conto de fadas;
- Oralização de contos;
- Conceito de conto de fadas;
- Elementos da estrutura narrativa do conto de fadas;
- Recursos discursivos, textuais, expressivos e linguísticos dos contos de fadas (original e adaptações);
- Intertextualidade;
- Leitura-fruição e leitura-estudo de contos;
- Produção escrita de contos adaptados.

1.2.5 Metodologia

A metodologia de ensino possibilitou alcançar os objetivos propostos no projeto de docência. Foram utilizadas as seguintes estratégias de ensino: aulas expositivo-dialogadas; leitura de contos de fadas; leitura de contos adaptados; análise crítica do mesmo texto; e exercícios de análise linguística. E, no final, foram produzidos textos do gênero discursivo adaptação de contos de fadas para a exposição oral. Na sequência, apresentamos o cronograma das aulas que ministramos:

Dia	Conteúdo programático	Estagiária
8-out-2014	Apresentação e contação de contos	Bianca
10-out-2014	Leitura e reflexão dos contos adaptados	Silvana
15-out-2014	Leitura do conto original "Branca de Neve" e atividade	Silvana
17-out-2014	Concepção de conto (análise linguística)	Bianca
22-out-2014	Cinema	Silvana
24-out-2014	Produção textual	Bianca
29-out-2014	Conselho de classe	_____
31-out-2014	Análise linguística e reescritura	Silvana
5-nov-2014	Contação dos contos pelos alunos	Bianca

Os textos do gênero discursivo conto de fadas e o filme que foram trabalhados estão abaixo relacionados.

- Conto original do Hans Christian Andersen: *A Polegarzinha*;
- Conto original do Hans Christian Andersen: *O soldadinho de chumbo*;
- Conto original dos Irmãos Grimm: *Branca de Neve*;
- Conto adaptado por Maurício de Sousa: *Branca de neve*;
- Conto adaptado no gênero discursivo cordel da *Branca de Neve*, escrito por Severino Borges da Silva.
- Filme: *Espelho, Espelho Meu*.

Os recursos materiais, didáticos e bibliográficos que foram necessários para ministrarmos as aulas de Língua Portuguesa foram:

- Notebook;
- Projetor multimídia;
- Livros de contos;
- Livros de contos adaptados;
- Quadro branco;
- Caneta para quadro branco;
- Contos clássicos e adaptados fotocopiados;

- Exercícios fotocopiados;
- Folhas pautadas para a produção textual;
- Filme em DVD.

Na sequência, serão apresentados os planos de cada uma das aulas ministradas e as atividades correspondentes dos mesmos.

1.2.6 Planos de aulas

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Ciências da Educação

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora Orientadora: Maria Izabel de Bertoli Hentz

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Estagiária responsável pela turma: Bianca M. Bortoluzzi

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 72 - 7º ano do Ensino Fundamental

Data: 08 de outubro de 2014.

Horário: 13:30 às 15:00h

Tempo: 2 h/a

Plano de Aula 1

Tema:

Apresentação do projeto de docência e contação de contos.

Objetivos:

Objetivo geral:

➤ Reconhecer a função social do conto, estabelecendo a relação com a tradição oral de contar histórias.

Objetivos específicos:

➤ Conhecer o projeto de docência com base na apresentação da proposta pelas professoras estagiárias;

➤ Aproximar-se do gênero discursivo conto pela participação em uma sessão de contação de histórias e pela leitura-fruição de contos diversos;

➤ Atribuir sentidos à fala do outro pela escuta atenta e ativa dos contos quando da participação na sessão de contação de histórias.

Conhecimentos abordados:

➤ Leitura e escuta de contos;

➤ Oralidade.

Metodologia:

➤ Apresentar as professoras estagiárias;

➤ Fazer um pequeno resumo do projeto a ser desenvolvido com a turma;

➤ Fazer a chamada e encaminhar os alunos à biblioteca para uma sessão de contação de contos;

➤ Orientar os alunos a sentarem em círculo e apresentar a Bel Gomes que fará a contação;

➤ Encaminhar os alunos de volta à sala de aula para fazer uma atividade;

- Distribuir uma atividade de sondagem dos conhecimentos obtidos na contação;
- Conceder tempo para a realização da atividade;
- Recolher a atividade.

Recursos didáticos:

- Notebook;
- Projetor multimídia;
- Livros de contos;
- Quadro branco e caneta;

Avaliação:

Será avaliada a participação dos alunos na sessão de contação, pela escuta atenta e ativa, bem como a aprendizagem das relações estabelecidas entre os contos ouvidos. Também será concedido um ponto a quem entregar a atividade.

Referências:

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2008.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____ N^o: _____ Turma: 72

Florianópolis, ____ de _____ de 2014

Apresentação do projeto de docência: Contos e encontros - diálogo entre pessoas e livros

Caros alunos e caras alunas,

Chegou o momento esperado por nós e por vocês, pois hoje começamos a ministrar aulas para vocês. Nossas aulas darão continuidade ao cronograma de trabalho da professora Rita que prevê o estudo do conto. Serão 16 aulas que serão ministradas entre os dias 08 de outubro e 07 de novembro de 2014.

O projeto de docência que será realizado na turma de vocês é intitulado "Contos e encontros: diálogo entre pessoas e livros". Como está presente no título e no cronograma da professora, nós vamos trabalhar com contos, mais especificamente com contos de fadas, sendo um conto de fadas original dos Irmãos Grimm e dois contos de fadas adaptados (Maurício de Sousa e um cordel). As aulas serão ministradas de maneiras diversificadas, com atividades bem interessantes, e também as avaliações ocorrerão de maneira progressiva e contínua ao longo da realização desse projeto de docência.

Nós estamos à total disposição de vocês e queremos contribuir com o que pudermos neste período de nosso estágio de docência. Podem vir falar conosco, seja para perguntar, sugerir e até mesmo criticar. Também queremos contar com a participação e o empenho de vocês na realização das aulas.

Ótimo trabalho para todos nós!

☺Bianca e Silvana

Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____ N^o: _____ Turma: 72

Florianópolis, ____ de _____ de 2014

Atividade 1

- 1- Você já havia participado de uma contação de histórias? Se a resposta for afirmativa, conte-nos mais detalhes sobre a sua participação.
- 2- O que você achou das histórias que a Bel Gomes contou?
- 3- Você já conhecia algum dos contos narrados? Qual (quais)?
- 4- Qual o conto que você mais gostou? Por quê?
- 5- Você consegue relacionar algum dos contos que ouviu hoje com outras histórias conhecidas?
- 6- Faça um breve relato dos contos que ouviu.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora Orientadora: Maria Izabel de Bertoli Hentz
Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito
Estagiária responsável pela turma: Silvana Braga Martins
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 72 - 7º ano do Ensino Fundamental
Data: 10 de outubro de 2014.
Horário: 13:30 às 15:00h
Tempo: 2 h/a

Plano de Aula 2

Tema:

Leitura e reflexão das adaptações de contos clássicos.

Objetivos:

Objetivo geral:

- Estabelecer relações entre diferentes versões do conto de fadas Branca de Neve

Objetivos específicos:

- Ler o conto adaptado *Branca de Neve* de Maurício de Sousa e *Branca de Neve e os sete anões*, em literatura de cordel, de Severino Borges da Silva, identificando semelhanças e diferenças entre os textos;
- Analisar os recursos discursivos, textuais e linguísticos dos contos analisados;
- Ler com expressividade, entonação, ritmo e fluência os contos.

Conhecimentos abordados:

- Leitura-estudo de diferentes versões do conto de fadas Branca de Neve;
- Expressividade, entonação, ritmo e fluência na leitura oral dos contos;
- Intertextualidade;
- Gênero conto de fadas: função social, esfera de circulação, forma de composição;
- Recursos expressivos, textuais e linguísticos do gênero conto de fadas.

Metodologia:

- Fazer a chamada;
- Fazer levantamento de conhecimento dos alunos acerca dos contos e dos autores a serem trabalhados;
- Organizar a turma em duplas;
- Distribuir fotocópias do primeiro conto a ser trabalhado;
- Conceder tempo para leitura em dupla;
- Fazer leitura jogralizada do conto com os alunos;
- Fazer perguntas de interpretação de forma oral de modo que os alunos participem com suas respostas;

- Distribuir fotocópias do segundo conto;
- Fazer leitura jogralizada com os alunos;
- Fazer perguntas de interpretação de forma oral de modo que os alunos participem com suas respostas;
- Distribuir uma atividade de interpretação escrita dos contos trabalhados;
- Recolher a atividade;
- Incentivar os alunos a relerem os contos trabalhados.

Recursos didáticos:

- Livros de contos;
- Quadro branco e caneta;
- Fotocópias dos contos.

Avaliação:

Será avaliada a capacidade de fazer relações entre as versões adaptadas dos contos com a versão original, bem como de suas semelhanças e diferenças. Também será avaliada a participação dos alunos na leitura dos contos, considerando a expressividade, entonação, ritmo e fluência, e a compreensão leitora, considerando os seus questionamentos, assim como a adequação das respostas às questões propostas pelas professoras estagiárias.

Referências:

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13^a Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- FERNANDES, M. **Novas fábulas fabulosas**. Rio de Janeiro: Nordica, 1978.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 5^a ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2008.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- SILVA, Severino B. da. **Branca de Neve e os sete anões**. No prelo.
- SOUSA, M.. **A Branca de Neve**. São Paulo: Editora Maurício de Sousa, 2008.

**Literatura de Cordel:
Branca de Neve e os sete
anões
(Severino Borges da
Silva)**

Ajudai-me santas musas
com força e suave e leve
que vou contar um
romance
que o pensamento se
atreve
dos Sete Anões da floresta
e a linda Branca de Neve

No reino das águas verdes
residia o rei Vicente
casado com uma rainha
filha do conde Clemente
por não ter filhos vivia
um do outro descontente

Mais uma noite a rainha
acordou sobressaltada
abriu uma das janelas
nela focou debruçada
olhando as verdes
campinas
e a neve da madrugada

A lua pelo espaço
corria ligeiramente
o vento soprava forte
em procura do poente
e brancos flocos de neve
desciam ali lentamente

Nesse momento a rainha
disse quem me dera breve
eu ser mãe duma criança
do rosto bonito e leve
corada como a romã
e branca igualmente a
neve

Quando ela disse isto
Jesus a favoreceu
Seus desejos forma feitos
conforme Deus concedeu
como nove meses depois
uma criança nasceu

De beleza admirável
de pele morena e fina
cabelos pretos e lindos

era uma prenda divina
então por Branca de Neve
foi batizada a menina

Depois dum ano a rainha
morreu quase de repente
o rei casou outra vez
foi uma festa imponente
mas a segunda mulher
era pior do que sempre

Pois a segunda rainha
o bem a ninguém fazia
e tinha um espelho mágico
dela fazer bruxaria
tudo o que pergunta-se
o espelho respondia

Assim passaram dez anos
e a infame rainha
praticando o mal somente
então grande raiva tinha
da linda Branca de Neve
que já estava mocinha

Um dia ela pegou
no dito espelho e benzeu
e perguntando assim
responde-me espelho meu
se existe outra mulher
mais bonita do que eu

O espelho respondeu
a rainha com certeza
vós sois assim tão formosa
mas vos falo com
franqueza
que a linda Branca de
Neve
de vós tem mais beleza

Com essa voz a rainha
sentiu uma dor ferina
por saber que a mocinha
era uma joia divina
na mesma hora jurou
de assassinar a menina

Chamou logo um caçador
a ele pode dizer
vá matar esta menina
porém sem ninguém saber
o fígado e o bofe dela
traga para eu comer

Logo o homem conheceu
aquela voz rigorosa
pra montanha temerosa
a fim de cumprir a ordem
da serpente venenosa

Quando o caçador chegou
No lugar triste e faral
que foi pegando no cabo
do seu possente punhal
Branca de Neve lhe disse
não faça a mim este mal

Solte-me que vou embora
por estes bosques fatais
embora morra rasgada
nos dentes dos animais
mas juro que para o reino
eu morro e não volto mais

O caçador teve pena
a soltou a princesinha
mas lembrou-se de
repente
do pedido da rainha
que tinha pedido o fígado
e o bofe da mocinha

Nessa hora um veado
perto da moça chegou
o caçador preparado
logo ao veado matou
tirou o fígado e o bofe
e pra rainha levou

A rainha então mandou
fazer do fígado um
guizado
e comeu com tanto gosto
com se instinto malvado
sem saber que o dito
fígado
tenha sido dum veado

Pois ela pensava ser
o fígado da enteada
e depois de comer disse
te acabaste desgraçada
tanta beleza que tinhas
porém não serviu de nada

Agora deixo a rainha
no seu goso pervertido
pensando que a enteada
há tempo tinha morrido

mas quem espera por
Deus
sempre é favorecido

Branca de Neve focou
na mata em lamentações
passou três dias chorando
com quatro dias
chegou em casa de sete
anões

Nessa pequena choupana
esses anões residiam
trabalhavam em minerais
cedo de casa saíam
chegavam em casa de
noite cejavam e depois
dormiam

Esses anões possuíam
riquezas muito
importantes
que arranjaram nas minas
de lugares distantes
ouro, topázio, platina,
rubi, safira e brilhantes

Quando a donzela chegou
na casa dos sete anões
eles estavam nas minas
nas suas explorações
Branca disse: agora sim
descansei das aflições

Fez a comida e comeu
pois se estômago coitado
há 3 dias não enchia-se
estava necessitado
depois os anões chegaram
acharam o junto guardado

Os anões se admiraram
por ver a casa arrumada
depois avistaram a moça
em uma cama deitada
e Branca contou a eles
a sua história passada

Os sete anões quando
viram
a história da mocinha
disseram a ela então fique
aqui na nossa casinha
e dessa grande floresta
serás a única rainha

E ficou Branca de Neve
morando com os anões
de manhã eles saíram
pra fazerem explorações
e ela ficava em casa
com suas ocupações

Um certo dia a rainha
a dita madrasta dela
pediu que o seu espelho
respondesse com cautela
se havia outra mulher
mais bonita do que ela

O espelho disse: tem
uma formosa princesa
a linda Branca de Neve
flor de santa natureza
na floresta dos anões
ela é que tem mais beleza

A rainha ouvindo a voz
do seu espelho encantado
teve uma raiva tão grande
disse: Ah! Caçador
danado
se eu te pegasse agora
dava-te fim, condenado

Foi logo forjar um plano
pra matar a enteada
pra ver se assim vingava-
se
daquela infeliz cilada
que o caçador lhe fez
trazendo ela enganada
Valeu-se da bruxaria

No correr de um segundo
transformou-se numa
velha
de rosto feio iracundo
que foi a cara mais feia
que já se viu neste mundo

Foi a casa dos anões
onde estava a enteada
chegando a porta falou
a moça saiu vexada
na porta viu uma velha
num chalé preto
embrulhada

Quando a velha viu a
moça

disse fazendo montim
princesa vim lhe vender
um mimoso trancelim
que já estou muito velha
não acenta mais pra mim

E pegando o trancelim
na mão da moça botou
e quando Branca de Neve
na linda joia pegou
foi logo fechando os olhos
de momento desmaiou

Pois o trancelim estava
pela bruxa enfeitado
o cristão que o pegasse
ficava narcotizado
caia ligeiramente
num sono muito pesado

Logo a bruxa retirou-se
com a maior ligeireza
os anões quando
chegaram
tiveram enorme surpresa
pegaram a moça dizendo
mataram a nossa princesa

Quando levaram ela
caiu o tal trancelim
Branca de Neve acordou-
se daquele sono sem fim
e disse: graças a Deus
Jesus olhou para mim

Os anões lhe perguntaram
quem foi que te enganou
com esta joia maldita
Branca de Neve contou
que tinha sido uma velha
que na mão dela botou

Os anões então disseram
a princesa nessa hora
se por aqui chegar gente
manda logo ir embora
para não te suceder
como aconteceu agora

Quem sabe essa velha
não é a sua madrasta
que vem em tua procura
tu já sabes te afasta
porque a gente muito ruim

nem mesmo o fogo não
gasta

Agora sobe a rainha
vamos falar novamente
que perguntou ao espelho
com a voz estridente
se mais bela do que ela
havia outro vivente

O espelho disse: tem
uma princesa capaz
chama-se Branca de Neve
o capricho dos mortais
e não há mulher no mundo
para imitar seus sinais

A rainha ouvindo isto
ficou como uma serpente
fez mais outra bruxaria
lhe envenenou o pente
para assim poder matar
a princesa inocente

Depois que ela terminou
a sua feitiçaria
passou nas sete montanhas
entrou numa travessia
e na casa dos anões
chegou as doze do dia

Chegando encontrou a
moça
mesmo do lado de fora
pois o pente na cabeça
da moça naquela hora
que ela caiu por morta
e a rainha foi embora

Os anões chegaram
a moça estava caída
eles avistaram o pente
e tiraram logo em seguida

Branca de Neve acordou-
se
coubrou novamente a vida
Branca de Neve contou-
lhe
que estava perto da porta
apareceu uma velha
com a mão ferida e torta
com um pente envenenado
fez-me cair quase morta

Os anões disseram a ela
não confie em mais
ninguém
vindo aqui mande embora
pois é o jeito que tem
aqui nunca chegou um
para te fazer o bem

Vamos saber novamente
da tal rainha perjura
que perguntou ao espelho
terá outra criatura
que possa ainda imitar
esta minha formosura?

O espelho disse: tem
a tua linda intiada
Branca de Neve a princesa
bonita como uma fada
olhos vivos e atraentes
a pele fina e corada

Quando a rainha ouviu
o que o espelho contou
fugiu-lhe o sangue das
veias
de raiva se indignou
e disse: aquela infeliz
ainda não se acabou

Remecheu o catimbó
fez uma fruta excelente
da mesma forma duma
maçã
mas de uma cor diferente
quem comesse essa fruta
morreria de repente

Pois uma banda era branca
a outra bem encarnada
com drogas de catimbó
foi a fruta preparada
disse a bruxa: agora eu
findo
com aquela desgraçada

Transformou-se noutra
velha
feia como uma serpente
a cabeça meia grande
meio palmo em cada dente
a cara era pra traz
e as costas era pra frente

Vestiu-se num manto
verde
preso com fitas atrás
um olho cego outro torto
as unhas grandes demais
quem a visse só diria
que era a mãe do satanás

E foi direto em procura
da casa da enteada
já enganou a mocinha
com a fruta enfeitada
dando um pedaço a ela
da dita banda encarnada

Ela comeu e caiu
sobre o chão desfalecida
e a bruxa retirou-se
para o seu reino em
seguida
deixando a Branca de
Neve
no chão postada sem vida

Os anões chegaram
foram avistando a donzela
no chão de olhos fechados
deram remédio a ela
porém não houve recursos
para salvarem a vida dela

E foram ligeiramente
encomendaram o caixão
mas sendo todo de vidro
com máxima perfeição
e botaram a moça nele
partidos de emoção

Então o anão mais velho
ficou bastante sentido
mas Branca de Neve
estava
com um semblante
colorido
não havia quem dissesse
que ela estivesse morrido

As suas faces coradas
iguais a moça nativa
eles olhavam para ela
com a mente pensativa
diziam uns está morta
outros diziam está viva

Escreveram o nome dela

sobre a tampa do caixão
e levaram para um monte
em forma de procissão
fizeram dele um altar
onde faziam oração

E nesse tempo perdeu-se
o grande príncipe Durval
filho de um grande Rei
da Torre de Bambiral
era ele o grande herdeiro
da coroa imperial

O príncipe andava
caçando
perdeu-se no grutilhão
ficou num bosque
vagando
sem rumo sem direção
e foi sair sem querer
aonde estava o caixão

O príncipe ficou suspenso
quando avistou a donzela
disse muito admirado
oh! Que coisa tão bela
e na tampa do caixão
viu escrito o nome dela

O príncipe disse aos anões
querem vender-me o
caixão
mas os anões reponderam
a ele de prontidão

nós não podemos vende-lo
nem mesmo por um
milhão

Disse o príncipe então me
dê
este caixão de presente
os anões disseram: leve
o príncipe ligeiramente
saiu levando o caixão
quase morto de contente

Porém no caminho o
príncipe
arrebentou o caixão
com uma queda que deu
e com esse baque então
Branca de Neve acordou-
se
causando admiração

Pois a fruta enfeitiçada
a moça botou pra fora
o príncipe disse princesa
senti que te amei agora
vamos para o meu reinado
pra casarmos sem demora

O príncipe chegou no
reino
da Torre de Bambiral
foi uma surpresa enorme
para todo o pessoal
logo preparou-se tudo

para o grande festival

A madrasta da princesa
pra festa foi convidada
e quando chegou no reino
que avistou a enteada
teve uma raiva tão grande
que morreu envenenada

Branca de Neve casou-se
com o grande príncipe
Durval
sua madrasta morreu
com uma raiva infernal
quem planta o bem colhe
o bem
quem planta o mal colhe o
mal

A moça em traje de noiva
ficou como um anjo louro
os anões lhe ofertaram
dois sapatinhos de ouro
ela guardou por lembrança
esse riquíssimo tesouro

Branca de Neve casou-se
o príncipe entregou a ela
riquezas mas colossais
ganhou a princesa bela
e a madrasta morreu
satanás foi dono dia.

FIM

Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito

Disciplina: Língua Portuguesa

Aluno (a): _____ N°: _____ Turma: 72

Florianópolis, ____ de _____ de 2014

Atividade 2

- 1- O texto de Maurício de Souza inicia-se da seguinte forma: Era uma vez...
Por que você acredita que o autor usou esse recurso? Na sua opinião, o que esse recurso indica?

- 2- A literatura em cordel é muito conhecida como uma manifestação da cultura brasileira, principalmente no nordeste do país. Você já conhecia essa manifestação cultural? Fale sobre o que achou do cordel lido.

- 3- Aponte aspectos que mais chamaram a sua atenção na história *Branca de Neve e os sete anões* em cordel e no conto adaptado da *Branca de Neve* do Maurício de Souza.

- 4- Nos dois textos trabalhados aparecem personagens bons e ruins. Indique quais são bons e quais são ruins e as características de cada um.

- 5- Aponte semelhanças e diferenças entre os dois textos estudados.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora Orientadora: Maria Izabel de Bertoli Hentz
Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito
Estagiária responsável pela turma: Silvana Braga Martins
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 72 - 7º ano do Ensino Fundamental
Data: 15 de outubro de 2014.
Horário: 13:30 às 15:00h
Tempo: 2 h/a

Plano de Aula 3

Tema:

Leitura da versão original do conto de fadas Branca de Neve.

Objetivos:

Objetivo geral:

➤ Estabelecer relações entre a versão original do conto de fadas *Branca de Neve* dos Irmãos Grimm e as versões adaptadas por Maurício de Sousa e Severino Borges da Silva

Objetivos específicos:

- Estabelecer a relação entre a versão original do conto de fadas Branca de Neve e a tradição oral de contar histórias;
- Ler a versão original do conto Branca de Neve identificando semelhanças e diferenças entre essa versão original e as versões adaptadas;
- Analisar os recursos discursivos, textuais e linguísticos da versão original do conto Branca de Neve, comparativamente às versões adaptadas e lidas na aula anterior.

Conhecimentos abordados:

- Leitura-estudo da versão original do conto de fadas Branca de Neve;
- A tradição de contar história e a escrita do conto;
- Estudo comparativo da versão original e de adaptações do conto Branca de Neve;
- Intertextualidade;
- Gênero conto de fadas: função social, esfera de circulação, forma de composição;
- Recursos expressivos, textuais e linguísticos do gênero conto.

Metodologia:

- Fazer a chamada;
- Fazer levantamento do conhecimento dos alunos acerca do conto e dos autores a serem trabalhados;
- Explicar brevemente a origem do conto trabalhado e seu resgate da tradição oral;
- Distribuir fotocópias do conto;
- Dividir a turma em duplas;
- Conceder tempo para leitura em dupla do conto;
- Fazer leitura jogralizada do conto com os alunos;
- Estabelecer, juntamente com os alunos, relações entre o conto clássico e as adaptações através de atividade a ser distribuída;
- Conceder tempo para a realização da atividade;
- Recolher a atividade e incentivar a releitura do conto;
- Encaminhar os alunos à biblioteca para troca de livros.

Recursos didáticos:

- Livros de contos;
- Quadro branco e caneta;
- Fotocópias do conto.

Avaliação:

Será avaliada, em sala e através da atividade de interpretação, a capacidade de estabelecer relações entre as versões adaptadas dos contos com a versão original, bem como suas semelhanças e diferenças, assim como a análise dos recursos discursivos, textuais e linguísticos da versão original do conto Branca de Neve, comparativamente às versões adaptadas e lidas na aula anterior. Também será avaliada a participação dos alunos na leitura dos contos.

Referências:

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2008.
- GRIMM. **Branca de neve e os sete anões**. Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve>. Acesso em: 20 set. 2014.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito

Disciplina: Língua Portuguesa

Professoras estagiárias: Bianca M. Bortoluzzi e Silvana Braga Martins

Aluno (a): _____ N^o: _____ Turma: 72

Florianópolis, ___ de _____ de 2014.

Atividade 3 – Interpretação dos textos

- 1- Como se inicia a história de Branca de Neve no conto original dos Irmãos Grimm?
- 2- Por que Branca de Neve recebe esse nome?
- 3- O caçador enviado pela madrasta para matar Branca de Neve a leva para floresta, mas chegando lá ele decide deixar a princesa viver. Sobre esse trecho do texto, responda:
 - a) Por que o caçador fez isso?
 - b) O que a seguinte frase quer dizer: “parecia que uma pedra tinha rolado de seu coração uma vez que ele não precisava mais matá-la”?
- 4- O que fez com que os anões desconfiassem que alguém estivesse na casa deles. Exemplifique com diálogos.
- 5- No conto original dos Irmãos Grimm trabalhado hoje, a madrasta da Branca de Neve tem um final trágico. Qual é ele?
- 6- Em sua opinião, o que leva a Branca de Neve a comer a maçã nos três contos trabalhados?
- 7- Aponte os aspectos que mais chamaram a sua atenção no conto *Branca de Neve* do Maurício de Souza.
- 8- Aponte os aspectos que mais chamaram a sua atenção na história *Branca de Neve e os sete anões* em cordel.

9- Aponte os aspectos que mais chamaram a sua atenção no conto original *Branca de Neve* dos Irmãos Grimm.

Respostas dos alunos

Florianópolis, 15 de Outubro de 2014.

Atividade 3 – Interpretação dos textos

Como se inicia a história de Branca de Neve no conto original dos Irmãos Grimm? ~~Começa essa~~ ^{→ Era uma vez}
~~rainha que estava sentada em uma janela que~~
Por que Branca de Neve recebe esse nome? ~~Por ser branca a cor de sua~~
~~e, por ela ter cabelos escuros como a madeira da moldura da janela~~
caçador enviado pela madrasta para matar Branca de Neve a leva para floresta, mas chegando lá ele
deixar a princesa viver. Sobre esse trecho do texto, responda: ~~Por ser vermelha como sangue~~

Por que o caçador fez isso? ~~Ele teve pena dela, por ela ser~~
~~muito bela~~

O que a seguinte frase quer dizer: "parecia que uma pedra tinha rolado de seu coração uma vez que
ele não precisava mais matá-la"? ~~Ele se sentiu aliviado por~~
~~ter que matá-la.~~

Por que os anões desconfiavam que alguém estivesse na casa deles. Exemplifique com
alguns exemplos. ~~Eles viram que nada estava acumulado como~~
~~tinham deixado~~

No conto original dos Irmãos Grimm trabalhado hoje, a madrasta da Branca de Neve tem um final
diferente. Qual é ele? ~~Ela teve que dançar até cair morta com~~
~~um cerco de ferro e pinças.~~

Na opinião, o que leva a Branca de Neve a comer a maçã nos três textos trabalhados? ~~Por a Rainha~~
~~mandar um pedaço e ela não se contentar~~

Em diferentes versões de Branca de Neve trabalhados em sala aparecem personagens bons e ruins. Indique
quais são os personagens bons e quais são os ruins e as características de cada um nas histórias lidas.

Quais são os aspectos que mais chamaram a sua atenção no conto *Branca de Neve* do Maurício de Souza.

Quais são os aspectos que mais chamaram a sua atenção na história *Branca de Neve e os sete anões* em

Quais são os aspectos que mais chamaram a sua atenção no conto original *Branca de Neve* dos Irmãos

~~O que me chamou mais a atenção foi por a~~
~~ela ter morrido daquela forma.~~

2- Porque ela era branca como a neve.

3-a) Porque teve dó, e a menina era muito jovem e linda.

b) Que ele estava mal e não queria fazer aquilo.

4- Porque estava tudo fora do lugar e faltava comida.

5- Ela morreu de raiva.

6- A madrinha.

7- Os sete anões: pois cuidaram de Branca de Neve.

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Ciências da Educação

Disciplina: Estágio de ensino de Língua Portuguesa e literatura I

Professora Orientadora: Maria Izabel de Bertoli Hentz

Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito

Estagiárias responsáveis pela turma: Silvana B. Martins

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 72 - 7º ano do Ensino Fundamental

Data: 17 de outubro de 2014.

Horário: 13:30 às 15:00h

Tempo: 2 h/a

Plano de Aula 4

Tema:

O conto de fadas como gênero do discurso

Objetivos:

Objetivo geral:

➤ Reconhecer o conto de fadas como um gênero da esfera literária que se manifesta em diferentes tempos e de diferentes formas, considerando sua função social.

Objetivos específicos:

➤ Ampliar o conhecimento sobre o conceito dos gêneros discursivos conto e conto de fadas.

➤ Analisar os recursos discursivos, textuais e linguísticos da versão original do conto Branca de Neve, comparativamente às versões adaptadas por Maurício de Souza e Severino Borges da Silva;

➤ Identificar a função dos esquemas espaço-temporais na construção de uma narrativa com base na análise dos contos em estudo;

➤ Reconhecer o papel dos adjetivos na construção de cenários e personagens.

Conhecimentos abordados:

➤ Os gêneros conto e conto de fadas: função social, esfera de circulação e forma de composição;

➤ A estrutura narrativa do conto de fadas

➤ Os esquemas espaço-temporais

➤ Os adjetivos na construção de cenários e personagens

Metodologia:

➤ Fazer a chamada;

➤ Pedir aos alunos que peguem as fotocópias distribuídas na aula anterior;

- Apresentar a concepção dos gêneros discursivos conto e conto de fadas e de seus recursos textuais (elementos da estrutura narrativa) e linguísticos (marcadores espaço-temporais e dos adjetivos na construção de cenários e personagens);
- Suscitar perguntas de interpretação acerca do gênero trabalhado de forma a estimular a participação e reflexão dos alunos;
- Encaminhar os alunos à biblioteca para troca de livros;
- Conceder tempo para leitura-fruição dos livros que pegarem na biblioteca ou dos livros de contos que as estagiárias disponibilizarão.

Recursos didáticos:

- Notebook;
- Projetor multimídia;
- Quadro branco e caneta;
- Livros de contos;
- Contos fotocopiados;
- Exercícios fotocopiados.

Avaliação:

Nessa aula será avaliada a compreensão do conceito de conto de fadas, assim como a compreensão dos aspectos discursivos, textuais e linguísticos que caracterizam esse gênero, pelos questionamentos dos alunos e pelas respostas dos alunos aos questionamentos da professora estagiária.

Referências:

Referências:

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2008.
- MOISÉS, M.. **A criação literária: prosa**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- GRIMM. **Branca de Neve**. Disponível em: http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve. Acesso em: 20 set. 2014.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora Orientadora: Maria Izabel de Bertoli Hentz
Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito
Estagiária responsável pela turma: Bianca M. Bortoluzzi
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 72 - 7º ano do Ensino Fundamental
Data: 22 de outubro de 2014
Horário: 13:30 às 15:00h
Tempo: 2 h/a

Plano de Aula 5

Tema:

Versão cinematográfica do conto Branca de Neve: mais uma forma de adaptação

Objetivos:

Objetivo geral:

➤ Estabelecer relações entre a versão original do conto Branca de Neve e a adaptação cinematográfica.

Objetivos específicos:

- Assistir ao filme Espelho, Espelho Meu, conhecendo outro tipo de adaptação do conto Branca de Neve;
- Refletir sobre o modo de dizer da adaptação cinematográfica, pela escuta atenta e ativa do filme Espelho, Espelho Meu;
- Analisar o papel os recursos expressivos (efeitos visuais, sonoros, entre outros) em uma narrativa cinematográfica em comparação aos recursos expressivos de uma narrativa escrita.

Conhecimentos abordados:

- O gênero discursivo adaptação cinematográfica e suas implicações;
- Intertextualidade;
- Interpretação de texto.

Metodologia:

- Fazer a chamada;
- Encaminhar os alunos ao auditório do CED na UFSC, onde será exibido o filme, como forma de criar um ambiente mais próximo ao cinematográfico;
- Acomodar os alunos e exibir o filme *Espelho, Espelho Meu*;
- Propor questões de reflexão sobre o gênero discursivo adaptação cinematográfica para estimular a compreensão dos alunos;

- Encaminhar os alunos de volta à Escola.

Recursos didáticos:

- Notebook;
- Projetor multimídia;
- Pen- drive.

Avaliação:

Será avaliada nessa aula a compreensão dos alunos acerca do gênero do discurso adaptação cinematográfica, bem como a pertinência e adequação das relações estabelecidas entre a versão original do conto e versão cinematográfica. A presença e participação dos alunos na atividade também serão consideradas como critérios avaliativos.

Referências:

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2008.
- MOISÉS, M.. **A criação literária: prosa**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- SINGH, Tarsem. **Espelho, Espelho Meu**. Imagem Filmes: EUA, 2012.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora Orientadora: Maria Izabel de Bertoli Hentz
Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito
Estagiárias responsáveis pela turma: Bianca M. Bortoluzzi
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 72 - 7º ano do Ensino Fundamental
Data: 24 de outubro de 2014.
Horário: 13:30 às 15:00
Tempo: 2 h/a

Plano de Aula 6

Tema:

Produção textual

Objetivos:

Objetivo geral:

➤ Produzir uma versão adaptada do conto de fadas escolhido, dentre os sugeridos: A Polegarzinha e O soldadinho de chumbo, de Hans Christian Andersen e Barba azul, de Charles Perrault;

Objetivos específicos:

- Conhecer outros contos de fada, selecionando um deles para a produção escrita de uma adaptação;
- Ampliar o conhecimento sobre gênero discursivo adaptação de conto de fadas através da produção textual escrita;
- Desenvolver o raciocínio e a imaginação na produção escrita da adaptação escrita de um conto de fadas;
- Empregar adequadamente os recursos discursivos, textuais e linguísticos na produção escrita da adaptação de um conto de fadas;
- Fazer uso dos esquemas espaço-temporais na produção escrita de uma narrativa de adaptação de um conto de fadas;
- Empregar adequadamente os adjetivos na construção de cenários e personagens na produção escrita da adaptação de um conto de fadas;

Conhecimentos abordados:

- Leitura de diferentes contos de fada;
- Adaptação de um conto de fadas;
- Produção escrita do gênero discursivo conto adaptado;
- Uso dos recursos discursivos (marcas do gênero), textuais (elementos da estrutura narrativa) e linguísticos (esquemas espaço-temporais e adjetivação na construção de cenários e personagens) na produção escrita da adaptação de um conto de fadas;

Metodologia:

- Fazer a chamada;
- Fazer as orientações de como será a aula e do trabalho que os alunos irão desenvolver;
- Disponibilizar fotocópias de contos de fadas para os alunos escolherem um deles para a escrita de suas adaptações;
- Conceder tempo para leitura do conto escolhido e para a produção da versão adaptada do conto;
- Recolher as produções escritas elaboradas pelos alunos na aula.

Recursos didáticos:

- Quadro branco e caneta;
- Livro de contos;
- Contos fotocopiados;
- Folhas pautadas para atividade.

Avaliação:

Serão avaliados o domínio da escrita e o uso dos recursos discursivos, textuais e linguísticos necessários para a produção de um conto adaptado, e a participação dos alunos na atividade proposta. Os alunos receberão nota de 1 a 10 pelos seus trabalhos.

Referências:

- ANDERSEN, H. **A polegarzinha.** Disponível em: <<http://guida.querido.net/andersen/conto-02.htm>> Acesso em: 22 set. 2014.
- ANDERSEN, H. **Barba azul.** Disponível em: <http://folkstories.blogspot.com.br/2005/07/barba-azul.html> Acesso em: 22 de setembro de 2014.
- ANDERSEN, H. **O soldadinho de chumbo.** Disponível em: <http://historiasencantar.blogspot.com.br/2008/11/o-soldadinho-de-chumbo.html> Acesso em: 22 de setembro de 2014.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 2008.
- GRIMM. **Branca de neve e os sete anões.** Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm/contos/branca_de_neve>. Acesso em: 20 set. 2014.
- MOISÉS, M.. **A criação literária: prosa.** 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

Conto original: O Soldadinho de Chumbo – Hans Christian Andersen

Numa loja de brinquedos havia uma caixa com vinte e cinco soldadinhos de chumbo todos iguais, menos um, ao qual faltava uma perna. Um dia a caixa foi dada de presente a um menino, que ficou maravilhado e logo colocou os soldadinhos em ordem junto ao parapeito da janela. Daí o soldadinho conseguia ver todos os outros brinquedos, entre os quais uma bailarina que estava à porta de um grande castelo de cartão. A bailarina era muito bonita, tinha os braços erguidos em arco sobre a cabeça e uma das pernas dobrada para trás, tão dobrada, mas tão dobrada, que acabava escondida pela saia. O soldadinho apaixonou-se imediatamente e pensou que, tal como ele, aquela menina tão linda tivesse uma perna só.

Um dia, o menino, ao arrumar os brinquedos, deixou que o soldadinho caísse para a rua. O menino foi a correr procurá-lo mas não o encontrou. Pouco depois passaram outros meninos. Um deles viu o soldadinho de chumbo e exclamou: “Um soldadinho! Será que alguém o atirou fora porque ele está partido?” “E que vamos fazer com um soldadinho só? Precisaríamos pelo menos de meia dúzia para fazer uma batalha”, disse o outro rapaz. “Tenho uma ideia”, disse o primeiro. “Vamos colocá-lo num barco e mandá-lo dar a volta ao mundo”. E assim foi. Construíram um barquinho com uma folha de jornal, colocaram o soldadinho dentro e soltaram o barco para navegar na água que corria pela sarjeta.

Apoiado na sua única perna, com a espingarda ao ombro, o soldadinho de chumbo procurava manter o equilíbrio. Com o coração a bater fortemente, o soldadinho voltava todos os seus pensamentos para a bailarina, que talvez nunca mais voltasse a ver. A água ganhou mais corrente e o barquinho de papel andou com mais força. A água caía em cascata para um lago. O soldadinho tentou equilibrar-se mas o barquinho deu um salto e caiu no rio. O barquinho virou e o soldadinho de chumbo afundou-se. Mal tinha chegado ao fundo, apareceu um enorme peixe que, ao vê-lo, o engoliu. O soldadinho estava numa imensa escuridão mas não deixava de pensar na sua amada. Passou-se muito tempo e de repente a escuridão desapareceu. O peixe tinha sido pescado por um senhor e a sua mulher, ao limpá-lo, tirou o soldadinho da barriga do peixe e deu-o ao seu filho para ele juntar aos outros soldadinhos que tinha no quarto. O menino fez uma grande festa porque era o soldadinho que tinha caído na rua. Juntou-o aos outros na janela, de onde podia ver sempre a sua bailarina.

Conto original: A pequena Polegarzinha – Hans Christian Andersen

Era uma vez uma mulher que queria ter um filho muito pequenino, mas não sabia como havia de fazer para encontrar um. Então, foi ter com uma velha bruxa e disse-lhe:

— Gostava tanto de ter um filho pequenino! Não sabes dizer-me onde posso arranjar um?

— Oh, isso não é difícil — disse a bruxa. — Aqui tens um grão de cevada, e olha que não é da que cresce nos campos dos lavradores nem daquela que as galinhas comem. Planta este grão num vaso e verás o que acontece!

— Oh, obrigada! — disse a mulher, dando uma moeda de prata à bruxa.

Depois foi para casa e semeou o grão. Não foi preciso esperar muito tempo para que nascesse uma bela flor; parecia uma tulipa, mas as pétalas estavam muito fechadas como se fosse ainda um botão.

— Que linda flor! — disse a mulher, dando um beijo nas pétalas vermelhas e amarelas.

Nesse preciso momento, a flor abriu-se com um forte estalido. Era realmente uma tulipa — agora via-se bem —, mas mesmo no centro da flor, no centro verde, estava sentada uma menina minúscula, graciosa e delicada como uma fada. Não era maior que metade de um polegar, e por isso ficou a chamar-se Polegarzinha.

A cama em que dormia era uma casca de noz muito bem polida; tinha um colchão de pétalas de violeta azuis-escuras e o seu cobertor era uma pétala de rosa. Dormia ali à noite, mas durante o dia brincava em cima da mesa, onde a mulher tinha posto um prato de sopa cheio de água com um círculo de flores à volta, com os caules virados para o meio. Dentro do prato, a flutuar, estava uma grande pétala de tília em que a Polegarzinha se podia sentar e remar de um lado para o outro usando dois pelos brancos de cavalo como remos. Era lindo de se ver! Ela também sabia cantar, e tinha a vozinha mais frágil e mais doce que jamais se ouviu.

Uma noite, quando estava deitada na sua linda cama, um sapo entrou no quarto através de um vidro partido da janela. O sapo parecia muito grande e estava molhado quando saltou para cima da mesa onde a Polegarzinha dormia profundamente debaixo da sua pétala de rosa.

— Ora aqui está uma bela esposa para o meu filho! — disse o sapo.

E pegou na cama de casca de noz em que a Polegarzinha estava a dormir e saltou com ela através da janela para o jardim. No fim do jardim corria um largo regato, de margens pantanosas e lamacentas; era aí que o sapo vivia com o seu filho.

Este não era nada bonito; na realidade, era igualzinho ao pai.

— Croc! Croc! Brec-rec-rec! — foi tudo quanto disse quando viu a linda menina na casca de noz.

— Não fales tão alto, se não ela acorda — disse-lhe o pai. — Olha que pode fugir, porque é leve como uma pena de cisne. Já sei, vamos pô-la no meio do rio, em cima de uma daquelas grandes folhas de nenúfar! Assim, ela vai pensar que está numa ilha, porque é uma criaturinha minúscula. Entretanto, nós podemos começar a preparar o melhor quarto debaixo da lama, para vocês os dois lá viverem.

No regato, havia muitos nenúfares com grandes folhas verdes que pareciam flutuar soltas na água. A folha que estava mais longe era também a maior de todas, e foi nela que o velho sapo pousou a casca de noz com a Polegarzinha. A pobre menina acordou muito cedo e, quando viu onde estava, começou a chorar amargamente, porque havia água a toda a volta da grande folha e era impossível voltar para terra.

Entretanto, o velho sapo andava metido na lama, decorando atarefadamente o quarto com juncos e flores aquáticas amarelas, para ficar bonito e alegre para a sua futura nora. Depois, acompanhado pelo filho, nadou até à folha onde estava a Polegarzinha. Iam buscar a linda cama de casca de noz para a colocarem no quarto antes de a noivazinha ir para lá. O velho sapo, ainda dentro de água, fez uma profunda vénia e disse à Polegarzinha:

— Este é o meu filho. Vai ser o teu marido, e vocês os dois vão viver muito felizes numa bela casa debaixo da lama.

— Croc! Croc! Brec-rec-rec! — foi tudo o que o filho disse.

Então, pegaram na bonita caminha e lá foram a nadar com ela, enquanto a Polegarzinha ficava sozinha na folha verde, a chorar, porque não lhe apetecia nada viver com o velho sapo nem casar com o filho dele. Ora os peixinhos que nadavam ali por baixo tinham visto o sapo e ouvido o que ele dissera, de maneira que deitaram as cabeças de fora para verem a menina. Mas, assim que o fizeram, viram como era bonita e ficaram cheios de pena por ela ter de ir viver na lama com o sapo. Não, isso não podia acontecer! Juntaram-se em redor do pé verde da folha em que ela estava e puseram-se a roê-lo sem parar.

Lá foi a folha, flutuando pelo regato, levando a Polegarzinha para longe, cada vez para mais longe, para onde o sapo não podia ir.

Quando ela passava, os passarinhos nas árvores cantavam "Que linda criaturinha!" assim que a viam. E a folha lá ia a deslizar, cada vez para mais longe - e foi assim que a Polegarzinha chegou a outro país.

Uma linda borboleta branca esvoaçava por cima dela e acabou por pousar na folha, porque tinha começado a gostar da menina. Como ela estava feliz agora! O sapo já não podia apanhá-la e era tudo maravilhoso à sua volta, para onde quer que olhasse. A água, onde o sol brilhava,

parecia ouro a cintilar. A Polegarzinha tirou o seu cinto e deu uma ponta à borboleta amiga e atou a outra à folha. Agora é que ia mesmo depressa!

Nesse momento, um grande escaravelho apareceu a voar por cima dela. Assim que viu a menininha, agarrou-a num ápice pela cintura e voou com ela para o cimo de uma árvore. A folha verde continuou a flutuar rio abaixo com a borboleta.

Meu Deus!, como a Polegarzinha ficou assustada quando o escaravelho a levou para cima da árvore! E como teve pena da sua amiga, a borboleta branca! Mas o escaravelho não queria saber disso. Pois sou na maior folha verde da árvore e largou-a aí. Deu-lhe pólen para comer e disse-lhe que ela era muito bonita, embora não tanto como um escaravelho.

Em breve, todos os outros escaravelhos que viviam na árvore foram visitá-la. Olhavam para ela, e as jovens escaravelhas encolhiam as antenas, dizendo: "Mas só tem duas pernas, este inseto miserável! Não tem antenas! Tem uma cintura tão fina! Parece mesmo humana! Que feia que é!", e por aí fora, apesar de a Polegarzinha ser realmente uma criatura linda.

O escaravelho que a tinha levado também era desta opinião, mas quando todas as escaravelhas disseram que ela era horrível, ele começou a pensar o mesmo e acabou por não querer saber dela; podia ir para onde quisesse. Várias escaravelhas pegaram nela e voaram até ao solo, deixando-a em cima de uma margarida. Lá ficou ela a chorar, por ser tão feia que os escaravelhos não a queriam — e, no entanto, era a criaturinha mais bonita que se podia imaginar, mais bela que a mais perfeita pétala de rosa.

Durante todo o Verão, a pobre Polegarzinha viveu completamente sozinha na grande floresta. Teceu uma cama com ervas e pendurou-a como se fosse uma rede por baixo de uma grande folha de azeda, para ficar abrigada da chuva. Para comer apanhava mel e pólen das flores e bebia as gotas de orvalho que encontrava todas as manhãs nas folhas. E assim passou o Verão e o Outono, mas depois chegou o Inverno, o longo e frio Inverno. Os passarinhos, que tão docemente tinham cantado, voavam agora para longe, as árvores perdiam as folhas, as flores murchavam. Depois, a grande folha de azeda que lhe fazia de telhado começou a enrolar-se e murchou, até que ficou apenas uma haste seca e amarela. A Polegarzinha tinha imenso frio, porque o seu vestido estava todo roto e ela era muito frágil e pequenina. Em breve morreria de frio. A neve começou a cair, e cada floco que caía sobre ela era tão pesado como uma pazada atirada a um de nós. Afinal, ela só tinha dois centímetros e meio de altura. Embrulhou-se numa folha murcha, mas não conseguiu aquecer-se, e tremia cada vez mais.

Por essa altura, já tinha alcançado a orla da floresta. Mesmo ao lado havia um grande campo de trigo, mas este tinha sido ceifado há muito tempo e só se via o restolho seco na terra gelada. Para ela, aquilo era o mesmo que uma floresta para atravessar e oh!, como ela tremia de frio! Finalmente, chegou à porta de um rato do campo, que vivia numa casinha por baixo

do restolho. Era aconchegada e confortável, com um armazém cheio de trigo, uma cozinha quente e uma sala de jantar. A pobre Polegarzinha parou à porta da casa do rato como se fosse uma mendiga e pediu se ele lhe dava um bocadinho de um grão, porque já há dois dias que não comia nada.

— Pobrezinha! — disse o rato do campo, que tinha muito bom coração. — Vem para a cozinha, que está quente, e comes comigo.

Gostou tanto da companhia da Polegarzinha que acabou por lhe dizer:

— Podes ficar comigo durante o Inverno, mas tens de limpar e arrumar a casa e contar-me histórias. Gosto muito de histórias.

A Polegarzinha fez o que o velho rato do campo lhe disse; e o tempo foi passando agradavelmente.

— Em breve teremos uma visita — disse o rato do campo. — O meu vizinho vem visitar-me todas as semanas. A casa dele ainda é melhor do que a minha, com grandes e belos quartos, e ele usa um lindo casaco de veludo preto! Se conseguisses que ele casasse contigo, nunca mais te faltaria nada. Mas ele é quase cego, de maneira que tens de te preparar para lhe contar as melhores histórias que souberes.

A Polegarzinha não gostou muito da ideia. Não lhe apetecia nada casar com o vizinho rico; era um tropeiro, e veio fazer a sua visita com o casaco de veludo preto. O rato do campo lembrou à Polegarzinha como ele era rico e culto; disse-lhe que a casa dele era vinte vezes maior do que a sua.

Que ele sabia muitas, muitas coisas, embora não gostasse do sol e das lindas flores, porque nunca os tinha visto. A Polegarzinha teve de cantar para ele, e cantou *Tive uma nogueirazinha* e *Joaninha voa, voa*. O tropeiro apaixonou-se pela sua linda voz, mas não disse nada, porque era muito cauteloso.

Ele tinha escavado recentemente uma passagem muito longa, que ia da sua casa à do vizinho, e disse ao rato do campo e à Polegarzinha que podiam ir visitá-lo quando quisessem. Mas pediu-lhes que não tivessem medo da ave morta que estava na passagem. Contou-lhes que a ave não tinha qualquer marca nem ferida, não lhe faltavam penas, e o bico estava intacto; devia ter morrido há muito pouco tempo, com a chegada do Inverno, e, de alguma maneira, tinha caído na sua passagem subterrânea.

Então, o tropeiro agarrou num pedaço de madeira podre com a boca (porque a madeira podre brilha como fogo no escuro) e foi à frente para iluminar a longa passagem para os seus convidados. Depressa chegaram ao sítio onde estava a ave, e o tropeiro empurrou o teto com o focinho largo, levantando a terra para fazer um buraco que deixou entrar a luz do dia. E lá

estava uma andorinha, com as lindas asas encostadas ao corpo, as pernas e a cabeça escondida nas penas; a pobre ave de certeza que tinha morrido de frio. A Polegarzinha teve muita pena dela, porque amava todas as avezinhas, que tinham cantado e chilreado para ela de uma maneira tão encantadora durante todo o Verão. Mas o tropeiro empurrou a andorinha para o lado com as suas pernas curtas e disse:

— Esta já não assobia mais! Que pouca sorte nascer ave! Felizmente que nenhum dos meus filhos será como elas. Uma ave não sabe fazer nada a não ser dizer tuit-tuit e depois morrer de fome no Inverno!

— Sim, lá nisso tens razão — disse o rato do campo. — Com todo o seu tuit-tuit, que é que elas fazem quando chega o Inverno? Morrem de fome e de frio. E, no entanto, toda a gente as acha muito importantes.

A Polegarzinha não disse uma palavra, mas, quando os outros recomeçaram a andar, baixou-se, afastou meigamente as penas da cabeça da andorinha e beijou-lhe os olhos fechados.

— Talvez esta seja a que cantou tão suavemente para mim durante o Verão — pensou. — Que felicidade me deu esta pobre avezinha da floresta!

Então, o tropeiro tapou o buraco que tinha feito para deixar entrar a luz do dia e acompanhou as visitas a casa. Mas nessa noite a Polegarzinha não conseguia dormir, de maneira que levantou-se e teceu uma cobertazinha de feno. Quando acabou, foi pô-la em cima da ave. Ao lado, deixou um pouco de lanugem de cardo que tinha encontrado na sala de estar do rato do campo, para que a ave pudesse repousar quentinha sobre a terra fria.

— Adeus, linda andorinha! — disse ela. — Adeus e obrigada pelas tuas belas canções no Verão, quando as árvores estavam verdes e o Sol brilhava tão alegremente sobre nós todos!

Depois encostou a cabeça ao coração da andorinha — mas ficou logo muito espantada, porque parecia que alguma coisa batia lá dentro. Era o coração da andorinha a bater. Não estava morta, apenas entorpecida pelo frio, e, como tinha sido aquecida, começava a voltar a si.

No Outono, as andorinhas voam todas para terras mais quentes, mas, se uma delas se atrasa, o frio pode fazê-la gelar; então cai no chão e depressa fica coberta de neve.

A Polegarzinha tremia, assustada; a ave era muito maior do que ela, que só tinha dois centímetros e meio de altura. Mas encheu-se de coragem e aconchegou a lanugem de cardo ao corpo da pobre andorinha. Depois, foi a correr buscar a sua coberta, uma folha de hortelã, para lhe tapar a cabeça.

Na noite seguinte, esgueirou-se outra vez para visitar a andorinha — ela estava realmente viva, mas tão fraca que mal pôde abrir os olhos para olhar para a Polegarzinha. Ali estava ela, com um pedacinho de madeira podre na mão, porque não tinha outra lanterna.

— Obrigada, obrigada, linda menina — disse a andorinha doente. — Aqueceste-me tão bem que depressa estarei suficientemente forte para voar ao sol brilhante.

— Oh! — exclamou a Polegarzinha —, ainda está muito frio lá fora! Há neve e gelo por todo o lado. Fica aí na tua caminha quente que eu trato de ti.

Depois levou-lhe água numa folha, e a andorinha bebeu e contou-lhe como tinha magoado uma asa numas silvas e, por isso, não tinha conseguido voar tão depressa como as outras andorinhas quando partiram para terras mais quentes. Por fim, acabara por cair, e não se lembrava de mais nada. Não fazia a menor ideia de como tinha ido parar ali.

Durante todo o Inverno, a andorinha ficou na passagem subterrânea. A Polegarzinha tratou dela e tornou-se muito sua amiga. Mas não disse nada ao tropeiro nem ao rato do campo, porque eles não gostavam de avezinhas. Por fim, chegou a Primavera e os raios de Sol começaram a atravessar a terra. A andorinha disse adeus à Polegarzinha e reabriu o buraco que o tropeiro tinha feito no teto da passagem. A luz do Sol encheu ambas de alegria, e a andorinha pediu à Polegarzinha que fosse com ela; podia subir para as suas costas e voariam para a floresta cheia de verdura. Mas a Polegarzinha sabia que o velho rato do campo ficaria triste se ela se fosse embora assim sem mais nem menos.

— Não, não posso ir — disse ela.

— Então adeus, adeus, linda menina bondosa! — respondeu a andorinha, voando em direção ao Sol.

A Polegarzinha viu-a subir no céu, e os seus olhos encheram-se de lágrimas, porque se tinha tornado muito amiga da pobre andorinha.

— Tuit, tuit! — cantou a avezinha, voando em direção à floresta verde.

A Polegarzinha estava agora muito triste. Não a deixavam sair para a claridade do Sol, e, nos campos onde vivia, o trigo era tão alto que, para ela, era como uma floresta que se erguia muito acima da sua cabeça.

— Tens de ter o teu enxoval pronto este Verão — disse o rato do campo, porque, entretanto, o vizinho tropeiro do casaco de veludo tinha proposto casamento à Polegarzinha. — Precisas de roupas de linho e lã e de muitos cobertores e lençóis quando fores casada com o tropeiro.

A Polegarzinha teve de trabalhar arduamente com a roca, e o tropeiro contratou quatro aranhas para tecerem para ela de dia e de noite. Todas as tardes lhe fazia uma vista e dizia sempre que, quando o Verão acabasse e o Sol não estivesse tão terrivelmente quente e

deixasse de queimar a terra até a deixar dura com uma pedra, então casariam. Mas a Polegarzinha não estava nada satisfeita, porque não gostava daquele velho tropeiro tão pomposo. Todas as manhãs, quando o Sol se erguia, e todas as noites, quando se punha, ela esgueirava-se lá para fora; quando o vento fazia ondular as espigas de trigo, conseguia ver o céu azul e pensava sempre como era bom e belo viver ao ar livre. Desejava imenso ver de novo a sua amiga andorinha, mas ela não voltou a aparecer; tinha voado para o bosque verde coberto de folhas.

Quando o Outono chegou, o enxoval da Polegarzinha estava pronto.

— Casas daqui a quatro semanas — disse o rato do campo.

Mas a Polegarzinha começou a chorar e disse que não queria casar com o tropeiro.

— Que disparate! — respondeu o rato do campo. — Não te ponhas com problemas. Arranjaste um marido esplêndido, pois nem a rainha tem um casaco de veludo preto tão bom como o dele! E pensa naquela cozinha e cave tão bem fornecidas! Deves agradecer a tua boa sorte.

E, assim, chegou o dia do casamento. O tropeiro já tinha ido buscar a Polegarzinha, pois ela ia viver com ele bem debaixo do solo; nunca mais poderia apanhar a luz radiante do Sol, porque o tropeiro não a suportava. Cheia de tristeza, foi dizer o último adeus ao Sol brilhante; enquanto vivera com o rato do campo, sempre a tinham deixado ir pelo menos até à porta.

— Adeus, Sol brilhante! — disse ela, erguendo os braços em direção a ele e dando alguns passos no campo imenso, pois o trigo tinha sido ceifado e só ficara o restolho. — Adeus, adeus — disse ela outra vez, abraçando uma florzinha vermelha que crescia por entre os caules. — Se alguma vez tornares a ver a andorinha, diz-lhe que lhe mando saudades!

Nesse preciso momento ouviu um som — tuit, tuit — mesmo por cima de si. Era a andorinha.

Como estava, contente por ver a sua amiga Polegarzinha! Então esta contou-lhe que tinha de casar nesse mesmo dia com o tropeiro e ir viver com ele debaixo da terra, onde o Sol nunca brilhava. E as lágrimas saltaram-lhe dos olhos só de pensar nisso.

— Vem aí o frio Inverno — disse a andorinha. — Vou voar para longe, para os países quentes. Por que não vens comigo? Podes subir para as minhas costas e atares-te a mim com o teu cinto. Deixamos o tropeiro e a sua casa escura e voamos para muito, muito longe, por cima das montanhas, para um país onde o Sol brilha ainda mais do que aqui, onde é sempre Verão e onde as matas e as florestas estão cobertas das mais belas flores. Ah, vem comigo, querida Polegarzinha, tu que me salvaste a vida quando eu estava gelada na escura passagem debaixo da terra!

— Sim, vou contigo — acabou por dizer a Polegarzinha.

Sentou-se nas costas da ave e atou o cinto a uma das suas penas mais fortes. Então, a andorinha ergueu-se muito alto no céu e voou por cima de florestas, lagos e montanhas onde há sempre neve. O ar gelado fazia a Polegarzinha tremer, mas ela enfiava-se debaixo das penas quentes da ave e só espreitava para olhar, assombrada, para as belas coisas lá em baixo.

Por fim, chegaram aos países quentes. Aí, o Sol brilhava com muito mais intensidade do que a Polegarzinha supunha ser possível; o céu parecia duas vezes mais alto. Ao longo das estradas, havia deliciosas uvas brancas e roxas; limões e laranjas pendiam das árvores; o ar estava perfumado de mirto e de muitas outras plantas aromáticas; e, pelos caminhos, corriam muitas crianças lindas, a brincar por entre coloridas borboletas. Mas a andorinha voou ainda para mais longe, para onde a paisagem era também ainda mais bonita. E então, à sombra de enormes árvores verdes, na margem de um lago azul-safira, viram um palácio muito antigo construído em mármore branco, com videiras enroladas nas suas altas colunas. Mesmo no cimo das colunas havia muitos ninhos de andorinhas, e num deles vivia a amiga da Polegarzinha.

— A minha casa é esta — disse ela. — Mas, se quiseres escolher uma daquelas lindas flores ali em baixo, eu ponho-te lá, e podes viver feliz à tua vontade.

— Ah, como vou gostar! — gritou a Polegarzinha, batendo as mãozinhas.

Uma grande coluna branca estava caída por terra, partida em três bocados, e entre eles cresciam altas e belas flores brancas. A andorinha voou até lá abaixo com a Polegarzinha e pousou-a numa pétala. Então, a Polegarzinha teve uma grande surpresa. Ali, no centro da flor, estava um príncipezinho, tão belo e delicado que parecia feito de vidro. Tinha na cabeça a coroa de ouro mais bonita que pode imaginar-se e nos ombros um par de asas coloridas e brilhantes, e não era maior do que a própria Polegarzinha. Era o espírito que guardava a flor. Em cada flor havia uma criaturinha igual, mas ele era o rei de todas.

— Que bonito que ele é! — sussurrou a Polegarzinha à andorinha.

O príncipezinho ao princípio ficou muito assustado com a ave, que lhe parecia gigantesca, mas quando viu a Polegarzinha ficou cheio de alegria. Achou que ela era a mais bela de todas as criaturas que jamais tinha visto, mesmo entre as fadas das flores. Tirou a coroa de ouro da sua cabeça e colocou-a na dela e perguntou-lhe como se chamava e se queria ser sua mulher e rainha de todas as flores.

Bem, este marido podia ela amar de verdade — era muito diferente do filho do sapo ou do velho tropeiro com o seu casaco de veludo. E por isso disse que sim ao belo príncipe. Então, ergueu-se de cada flor uma criaturinha, rapaz ou rapariga, homem ou mulher, tão pequeninas e

tão bonitas que era emocionante vê-las. Todas deram uma prenda à Polegarzinha, mas a melhor de todas foi um lindo par de asas. Prenderam-nas aos ombros da Polegarzinha, e agora também ela podia voar de flor em flor. Toda a gente estava cheia de alegria: era como uma maravilhosa festa de Verão. A andorinha, lá em cima no seu ninho, cantou-lhes a canção mais bonita que sabia, mas no fundo estava triste, porque gostava tanto da Polegarzinha que não queria separar-se dela.

— Nunca mais te chamarás Polegarzinha — declarou o príncipe das flores. — Não é um nome suficientemente bonito para uma criatura tão bela como tu. A partir de agora, vamos chamar-te Maia!

— Adeus, adeus — disse a andorinha, quando chegou a altura de voar de novo dos países quentes para a Dinamarca.

Aí, ela tinha um pequeno ninho ao lado da janela do homem que escreve contos de fadas.

— Ouve, ouve — trinou a andorinha para o escritor de contos de fadas...E foi assim que soubemos esta história.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Disciplina: Estágio de ensino de Língua Portuguesa e literatura I
Professora: Maria Izabel de Bertoli Hentz
Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito
Estagiárias responsáveis pela turma: Silvana B. Martins
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 72 - 7º ano do Ensino Fundamental
Data: 31 de outubro de 2014.
Horário: 13:30 às 15:00
Tempo: 2 h/a

Plano de Aula 7

Tema:

Reescrita do conto adaptado

Objetivos:

Objetivo geral:

➤ Aprofundar os conhecimentos sobre o gênero discursivo conto pela análise dos recursos discursivos, textuais e linguísticos empregados pelos alunos na elaboração de uma adaptação de contos de fadas.

Objetivos específicos:

- Analisar a produção escrita elaborada na aula 6 a fim de constatar possíveis aspectos a serem melhorados;
- Refletir sobre os recursos discursivos, textuais e linguísticos empregados na produção da 1ª versão do conto adaptado, tendo em vista a sua adequação ao gênero;
- Reescrever a produção textual elaborada na aula anterior, considerando as indicações das professoras estagiárias, tendo em vista a adequação ao gênero e à modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Conhecimentos abordados:

- Conceito dos gêneros discursivos conto de fadas e adaptação;
- Uso dos recursos discursivos (marcas do gênero), textuais (elementos da estrutura narrativa) e linguísticos (esquemas espaço-temporais e adjetivação na construção de cenários e personagens) na produção escrita da adaptação de um conto de fadas;
- Capacidade de análise e de percepção de aspectos a serem melhorados na reescrita de adaptação do conto de fadas.

Metodologia:

- Fazer a chamada;

- Explicar com o auxílio do quadro, os recursos discursivos, textuais e linguísticos a serem utilizados na reescrita da adaptação de um conto de fadas;
- Dedicar tempo da aula para a reescrita da produção textual dos alunos;
- Recolher a 2ª versão dos contos adaptados escritos pelos alunos.

Recursos didáticos:

- Quadro branco e caneta;
- Livro de contos;
- Contos fotocopiados;
- Folhas pautadas para reescrita dos textos.

Avaliação:

A produção final da adaptação será avaliada considerando a adequação ao gênero, pelo emprego adequado dos recursos discursivos, textuais e a adequação à variedade escrita formal da língua portuguesa, com atribuição de nota de 1 a 10. Também será avaliada a participação na atividade.

Referências:

- ANDERSEN, H. **A polegarzinha.** Disponível em: <<http://guida.querido.net/andersen/conto-02.htm>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- ANDERSEN, H. **Barba azul.** Disponível em: <<http://folkstories.blogspot.com.br/2005/07/barba-azul.html>>. Acesso em: 22 set. 2014.
- ANDERSEN, H. **O soldadinho de chumbo.** Disponível em: <<http://historiasencantar.blogspot.com.br/2008/11/o-soldadinho-de-chumbo.html>> Acesso em: 22 set. 2014.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 2008.
- GRIMM. **Branca de neve e os sete anões.** Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve>. Acesso em: 20 set. 2014.
- MOISÉS, M.. **A criação literária: prosa.** 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

2ª Versão da produção textual dos alunos

Branca de Neve nos tempos atuais

Num certo dia, um prefeito muito charmoso e elegante se casou com sua mulher ~~seu~~ ~~uma~~ ~~mulher~~ muito refinada, chique e muito rica. O prefeito tinha uma filha que se chamava Branca de Neve e sua esposa não gostava quando ele passava mais tempo com a Branca do que com ela. De tanta raiva, ele resolveu matar a Branca ^{de neve} então, ele fez numa loja ilegal e comprou uma arma, esperou a menina sair de casa e a matou ~~ela~~.

A polícia investigou e descobriu que tinha ~~ela~~ ^{ela} sua própria madrasta ^{que a matou} e a prenderam ~~ela~~ só que ela era muito rica e pagou fiança e saiu porque ~~o~~ li do Brasil é ruim demais

Soldadinho de Chumbo

Em uma loja de brinquedos, havia uma caixa com 10 bonecas, todas eram iguais, menos um que não tinha um dos braços. Todos os bonecos foram vendidos, mas sobrou a pobre bonequinha sem braço.

Em uma noite, chegou um homem ^{meio velho} procurando de um presente de natal para o seu filho, como só tinha aquela boneca, ele acabou levando. Quando o menino recebeu o presente, ~~ele~~ ficou super feliz e foi correndo colocá-la ~~de~~ em sua estante

junto com a sua coleção de bonecas. Lá tinha uma boneca linda, mas ela também ~~ela~~ tinha um defeito, a falta de uma das pernas, ^{então} ela acabou virando amiga da boneca.

Numa tarde, o menino foi brincar ^{porque?} com os seus bonecos, mas eles desapareceram, o menino chorou muito. ~~Logo~~ ^{Logo} depois, eles apareceram novamente em fila e o menino viveu feliz para sempre.

O soldadinho

Em uma loja de presentes, havia uma caixa com quatorze soldadinhos de chumbo. Todos eram iguais, menos um que havia perdido uma perna. Um dia deram a caixa a um menino, que amou tanto o presente que quisu correndo para a sua casa e pôs na sua estante ao lado de uma boneca de brinquedo. Certo dia a boneca caiu no chão e quebrou, e o soldadinho de chumbo ficou tão arrasado que se desmoronou de tristeza.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora Orientadora: Maria Izabel de Bertoli Hentz
Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito
Estagiárias responsáveis pela turma: Bianca M. Bortoluzzi
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 72 - 7º ano do Ensino Fundamental
Data: 05 de novembro de 2014.
Horário: 13:30 às 15:00
Tempo: 2 h/a

Plano de Aula 8

Tema:

Contação dos contos pelos alunos.

Objetivos:

Objetivo geral:

➤ Desenvolver a expressão oral em situações de fala pública em uma sessão de contação de histórias.

Objetivos específicos:

- Apresentar os contos de fadas adaptados elaborados pelos alunos aos colegas da própria turma e a crianças de outras instituições;
- Expressar-se com fluência, entonação e ritmo através da leitura oral da produção textual desenvolvida em sala de aula;
- Trocar experiências com os colegas da turma e com crianças de outras instituições.

Conhecimentos abordados:

- Recursos de oralidade: expressividade, entonação, fluência, ritmo;
- Resgate da tradição oral de contar histórias;
- Respeito ao outro e suas experiências.

Metodologia:

- Fazer a chamada;
- Encaminhar os alunos para o ônibus;
- Levar os alunos a uma entidade filantrópica para contação dos contos que eles escreveram;
- Fazer a apresentação das professoras e dos alunos na entidade e propiciar o contato dos alunos com outras pessoas;
- Acompanhar e auxiliar na contação dos contos produzidos;
- Encaminhar os alunos de volta à Escola.

Recursos didáticos:

- > Quadro branco e caneta;
- > Contos escritos pelos alunos.

Avaliação:

Serão avaliadas, nessa aula, a participação dos alunos na atividade de contação, considerando-se a expressividade na socialização das produções elaboradas pelos próprios alunos e a interação deles com as crianças da instituição onde será realizada a atividade.

Referências:

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2008.
- MOISÉS, M.. **A criação literária: prosa**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

Finalização do projeto de docência: Contos e encontros - diálogo entre pessoas e livros

Olá alunos e alunas,

Chegou o momento de nos despedirmos, pois hoje finalizamos as aulas com vocês. Nossas aulas deram continuidade ao cronograma de trabalho da professora Rita que previu o estudo do conto. Foram 16 aulas, ministradas entre os dias 08 de outubro e 05 de novembro de 2014.

Na turma de vocês, realizamos o projeto de docência "Contos e encontros: diálogo entre pessoas e livros". Como está presente no título e no cronograma da professora, nós trabalhamos com contos, mais especificamente com contos de fadas. As aulas foram ministradas de maneiras diversificadas, com atividades bem interessantes, e as avaliações ocorreram de maneira progressiva e contínua ao longo da realização do projeto de docência.

O que fizemos nas 16 aulas...

- ✓ Participamos de uma sessão de contação de histórias com a Bel Gomes;
- ✓ Lemos e estudamos o conto de fadas Branca de Neve na versão original dos Irmãos Grimm e duas versões adaptadas do mesmo conto, uma de autoria de Maurício de Sousa e outra de Severino Borges da Silva, em literatura de cordel;
- ✓ Realizamos atividades de interpretação de texto;
- ✓ Assistimos ao filme "Espelho, espelho meu", do diretor Tarsem Singh;
- ✓ Escrevemos minicontos;
- ✓ Lemos os contos Soldadinho de chumbo e a Pequena Polegarzinha;
- ✓ Escrevemos contos adaptados;
- ✓ Participamos de uma sessão de contação para as crianças do CCPAN, na qual apresentamos a elas as nossas versões adaptadas dos contos Branca de Neve e Soldadinho de chumbo.

Muito obrigada por vocês terem contribuído conosco nesse período de nosso estágio de docência. Foi um ótimo trabalho para todos nós! ☺☺

Bianca e Silvana

Imagens da sessão da contação de histórias no CCPAN:







1.3 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Aula 1

No dia em que demos¹ início ao nosso projeto de docência, estávamos muito ansiosas, cheias de expectativas, tínhamos receio de que o que havíamos planejado não desse certo.

Iniciamos como previsto no plano de aula. Chegamos um pouco antes da aula começar e arrumamos as cadeiras em formato de círculo, de modo que todos pudessem interagir com a contadora de histórias que havíamos convidado. E assim se deu. Os alunos entraram na sala, sentaram-se e nós demos início à aula. Primeiramente nos apresentamos e entregamos um breve resumo do projeto que iríamos trabalhar com eles. A seguir apresentamos a Bel Gomes que fez uma animada sessão de contação com a turma. Ela escolheu dois contos africanos e um porto-riquenho. Os alunos interagiram durante a contação, o que foi muito interessante e motivador para nós.

Após a sessão de contação, distribuímos uma atividade impressa para fazermos um levantamento do conhecimento dos alunos acerca da contação e dos contos ouvidos e também sobre o gênero do discurso escolhido para trabalhar no projeto.

E de fato nos ajudou muito, pois pudemos constatar que os alunos gostaram da sessão de contação e que já haviam tido algum contato com contos, citando até mesmo alguns clássicos como *O patinho feio* e *A Bela e a Fera*. A partir disso, pudemos traçar um diagnóstico acerca do conhecimento da turma e melhor articular a abordagem dos textos escolhidos para serem trabalhados ao longo do projeto.

Aula 2

Começamos essa aula com o gênero contos de fadas. Em nosso projeto, optamos por iniciar as leituras-estudos com os contos adaptados da Branca de Neve e, a partir daí, começar a construir sentidos e relações com o conto original.

¹ Nesta seção, destinada à reflexão das aulas ministradas, ocorre alternância de uso de pessoas verbais, sendo a 3ª pessoa do singular utilizada para descrever o andamento e a dinâmica das aulas e a 1ª pessoa do plural para indicar a reflexão que fizemos acerca de cada uma das aulas.

A primeira adaptação que foi trabalhada foi *Branca de Neve* do escritor e ilustrador Maurício de Souza. Os alunos logo começaram a estabelecer relações entre os personagens das ilustrações (que eram da Turma da Mônica) com os personagens do conto.

Para fazer a leitura, a professora estagiária responsável por essa aula pediu para que os alunos se sentassem em duplas. Após distribuímos as cópias dos contos, os alunos foram convidados a participar da leitura e assim foi feita uma leitura jogralizada de cada conto. Esse momento foi muito interessante porque os alunos se ofereceram, espontaneamente, para lerem os textos. Além disso, os alunos faziam observações com outras adaptações que eles conheciam, como por exemplo, a da Disney.

Após a leitura de cada conto, a professora estagiária fez perguntas de interpretação acerca da história e do gênero. Finalizada a leitura das duas adaptações, conforme planejado para aquela aula, foi realizada uma atividade escrita. No entanto, uma modificação tornou-se necessária, visto que o tempo da aula estava se esgotando, não foi possível passar toda a atividade planejada, por isso foram escolhidas três questões e escritas no quadro, então pediu-se aos alunos para copiarem e entregarem na próxima aula. Contudo, analisando o retorno dos alunos, percebemos que essa estratégia não foi uma boa escolha, visto que, ao longo das aulas, notamos que eles desenvolviam melhor as atividades quando as mesmas eram impressas e realizadas em sala. E, na aula seguinte, poucos entregaram a atividade respondida como solicitado, ainda que valesse pontos na média.

Aula 3

Nessa aula, foram lembrados os contos adaptados lidos na aula anterior para dar início à leitura do conto original *Branca de Neve*, escrito pelos Irmãos Grimm. Os alunos sentaram-se em duplas para realizar a leitura oralmente e junto com a professora estagiária, de forma jogralizada.

Após o término da leitura, os alunos ficaram surpresos e discutiram sobre o final do conto, visto que a madrasta da Branca de Neve morre de forma trágica. Depois desse debate, a turma respondeu algumas questões referentes aos contos adaptados e ao original.

De forma geral, a aula se desenvolveu bem e dentro do esperado. Notamos que o fato de dividirmos a leitura por personagens deu certo, pois os próprios alunos escolheram os personagens que “interpretariam”. Nesse dia, até mesmo alguns alunos que não costumavam participar se ofereceram para ler.

Aula 4

Essa aula iniciou com uma conversa sobre as características literárias e linguísticas do conto original e das adaptações da Branca de Neve. Percebemos que nessa conversa os alunos perceberam as principais características literárias e linguísticas dos contos e isso foi muito gratificante.

Após a conversa, a professora estagiária responsável pela aula usou projeções de slides para aprofundar as características literárias e linguísticas dos contos. Durante a explicação, entretanto, foi constatado que os alunos não compreendiam a organização e o desenvolvimento do conto, ou seja, os elementos indicativos do que era o começo, o meio e o fim. Foi a partir dessa não compreensão que a professora estagiária solicitou que os alunos escrevessem um miniconto sobre a Branca de Neve. Essa atividade, porém, não estava prevista no plano de aula, foi diante da dificuldade apresentada pelos alunos em relação aos aspectos básicos da estrutura de um texto que nós sentimos a necessidade de, através da prática de escrita, auxiliar os alunos a compreenderem os recursos discursivos abordados naquele momento.

Depois que os alunos escreveram os minicontos, alguns pediram para ler e, a partir dessa leitura, eles puderam compreender alguns elementos intrínsecos a um texto, como começo, meio e fim, e sua importância tanto para o desenvolvimento como para a compreensão de qualquer história.

Aula 5

A quinta aula foi dedicada a uma adaptação cinematográfica do conto Branca de Neve. Os alunos foram encaminhados à sala de informática para assistirem o filme “Espelho, espelho meu”, de Tarsem Singh. Muitos alunos disseram que já o tinham assistido no cinema ou na televisão, mas mesmo assim todos prestaram atenção até o final.

No término do filme, oferecemos pipoca e suco aos alunos de forma a reproduzir a atmosfera de uma sessão de cinema. Depois de terem acabado de comer e beber, retornamos para a sala de aula e a professora estagiária conversou com os alunos sobre o filme em conjunto com os outros contos adaptados e o original. A turma superou as expectativas, pois responderam tudo que era perguntado e as reflexões foram muito boas.

Aula 6

Começou-se a aula lendo e explicando para os alunos dois contos originais do Hans Christian Andersen, intitulados *A pequena Polegarzinha* e *Soldadinho de Chumbo*. Após o término das leituras, foi explicado que cada aluno teria que escolher um desses contos para escrever a sua adaptação.

No entanto, para a nossa surpresa, nenhum aluno quis escrever sobre *A pequena Polegarzinha*, por se tratar de um texto longo. Por outro lado, alguns perguntaram se poderiam escrever sobre a Branca de Neve. Apesar de não estar prevista a escrita de adaptações da Branca de Neve no nosso projeto, resolvemos fazer essa concessão, visto que os alunos estavam familiarizados com a história e mostraram-se interessados.

É importante ressaltar que nem todos estavam dispostos a escrever e tivemos que insistir com alguns dizendo que valeria nota.

No final da aula recolhemos os contos que eles escreveram para análise e entrega na próxima aula possibilitando a reescrita.

Aula 7

A professora estagiária responsável iniciou a aula fazendo uma revisão, através de projeção de slides, das características literárias e linguísticas dos contos, a partir dos contos adaptados escritos pelos alunos. Nesse sentido, um fator nos chamou a atenção, o fato de não haver grandes problemas relativos aos principais aspectos da análise linguística abordados na aula 4, o que nos levou a constatar que os alunos se apropriaram do conteúdo ministrado. No entanto, o que surgiram foram outros “problemas” linguísticos que não haviam sido considerados na aula 4, mas já que faziam parte do conteúdo aplicado pela professora regente da turma ao longo do ano

letivo, tais como ortografia e pontuação, além de aspectos relativos a construção do enredo e ao desenvolvimento do conto.

Após as necessárias explicações, foi concedido tempo para os alunos reescreverem os seus contos adaptados. Nas correções, pudemos notar que houve grande melhora da primeira para a segunda versão, o que nos fez refletir sobre a importância da reescritura dos textos para a aprendizagem dos alunos.

Aula 8

Essa aula foi dedicada à sessão de contação dos textos dos alunos para as crianças do Centro Comunitário do Pantanal (CCPAN). Por isso, a aula foi iniciada com uma explicação de como seria essa atividade e então devolvemos os contos para os alunos. Como havíamos de antemão selecionado os que mostraram-se ser os melhores contos, convidamos os seus autores a lerem esses contos na sessão de contação, mas alguns eram muito tímidos e não quiseram ler, então perguntamos a eles se outros colegas poderiam ler os seus contos, quase todos concordaram sendo que apenas uma aluna não permitiu que seu conto fosse lido. Assim, ofertamos os contos para quem quisesse ler na sessão de contação e muitos alunos se disponibilizaram.

É importante ressaltar que, antes de nos dirigirmos ao CCPAN, os alunos puderam ler os contos para a turma a fim de se prepararem.

No CCPAN, fomos amigavelmente recebidos pela professora e pelas crianças. Todos mostraram-se muito atentos e interessados, realmente foi uma experiência maravilhosa porque os alunos do Beatriz gostaram de ler e de terem os seus contos lidos. Os alunos do CCPAN, por sua vez, prestaram muita atenção nas histórias e no final fizeram perguntas e comentários relevantes. E o que mais nos chamou a atenção foi que os alunos do CCPAN perceberam as diferenças nas histórias, e nós aproveitamos para explicar o motivo dessas diferenças.

Ao retornar para a escola, nós nos despedimos dos alunos e agradecemos a atenção que eles prestaram durante todo o desenvolvimento do nosso projeto e a oportunidade que nos foi concedida naquela escola.

Em relação ao modo como os alunos nos receberam e ao ensino de língua portuguesa, podemos dizer que o interesse e a confiança dos alunos são conquistados aos poucos. Durante algumas aulas, parecia que alguns nos ignoravam, mas aos poucos eles foram se empolgando e participando das aulas, o que contribuiu muito para o desenvolvimento do nosso projeto. Notamos também que ensinar língua portuguesa exige muito esforço e dedicação, pois todos os dias tínhamos que criar novas estratégias que propiciassem o ensino-aprendizagem. E ali, naquela última aula, ao vermos os alunos contando os seus próprios contos, pudemos perceber que os nossos esforços deram resultados positivos e isso é muito gratificante para qualquer professor.

2 A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE:

2.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA EXTRACLASSE:

2.1.1 Introdução:

O Projeto de Docência Extraclasse *Reportando o Futuro* fez parte da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I e foi desenvolvido na mesma escola em que realizamos a docência no ensino de Língua Portuguesa, ou seja, na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, localizada no bairro Pantanal, em Florianópolis/SC.

Do mesmo modo que para a docência no 7º ano, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de igualdade e solidariedade humana, foi a base para elaborar o projeto extraclasse. O PPP da escola estimula a construção de uma educação para o exercício da cidadania, preparando o estudante para o mercado de trabalho e possibilitando o desenvolvimento de relações de acolhimento e inclusão.

Assim, com base no PPP, nesta proposta de docência buscamos efetivar o compromisso com o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita como compromisso de todas as áreas do conhecimento. Para tanto elaboramos propostas de atividades

voltadas para o ensino da escrita, por meio da produção de textos que circulam na esfera jornalística e de exercícios de leitura e de reflexão sobre os recursos da língua.

Em vista disso, tínhamos como objetivo trabalhar os questionamentos e as dúvidas dos alunos, auxiliando na construção de uma postura crítica e de uma concepção de realidade que estivesse voltada aos seus cotidianos e de suas vivências. Portanto, gêneros da esfera jornalística se constituíram como objeto de ensino e de aprendizagem de conhecimentos acerca da língua portuguesa e de mundo.

Através do jornal escolar, *Notícias do Beatriz*, é que foi efetivado o estudo dos gêneros jornalísticos, os quais foram: reportagem, entrevista, notícia, charge, tirinha e classificados. O jornal escolar tem um papel muito importante no processo de aprendizagem dos estudantes, pois através dele é possível abrir um espaço para reflexão crítica e também para momentos de lazer aos estudantes. No estudo de gêneros jornalísticos o estudante também pôde construir seu próprio posicionamento em relação aos acontecimentos da sociedade e ampliar a rede de aprendizagem no que diz respeito ao conhecimento de mundo e da realidade que os cerca.

O projeto do jornal escolar da EBM Beatriz de Souza Brito iniciou no segundo semestre de 2011, como parte das atividades de estágio de um grupo de acadêmicos do curso de Letras-Português da UFSC e, desde então, integra as atividades de estagiários de letras nesta escola e conta a participação de alunos da escola. O convite para participação na elaboração da 5ª edição do jornal Notícias do Beatriz foi feito para todos os alunos da escola. Nessa edição, estiveram diretamente envolvidos os estudantes que aceitaram o convite, pois como o projeto foi realizado no contra turno ao que eles estudam, muitos não puderam participar por já terem outras atividades. Assim, a equipe de discentes foi composta no total por dois grupos de 24 alunos, tendo estes idades médias entre 11 e 18 anos, e a maioria residindo no bairro do Pantanal e região. O grupo que desenvolveu as ações no período vespertino foi o que esteve sob a responsabilidade das estagiárias, autoras desta proposta de trabalho.

O projeto ***Reportando o Futuro*** foi realizado em cinco encontros, das 13h30min às 15h45min entre os dias 03 e 13 de novembro, as terças e quintas-feiras, e um último encontro na quarta-feira 19 de novembro, em um total de 15 horas/aulas. Os alunos que se propuseram a participar do projeto puderam vivenciar a experiência de confeccionar

um jornal, além de aprofundarem seus conhecimentos acerca de gêneros que o constituem.

Portanto, no desenvolvimento deste projeto buscamos construir uma relação de compromisso com os estudantes, propiciando espaço para refletir, discutir e aprofundar conhecimentos acerca de gêneros do discurso da esfera jornalística. Entendemos que o trabalho com esses gêneros possibilita uma prática educativa que se articule com a formação voltada para o exercício da cidadania, vinculada ao trabalho de compreensão da leitura e escrita como funções primordiais da escola.

Dessa forma, procuramos trabalhar a construção de conhecimento, reflexão e trabalho coletivo, estabelecendo uma relação de maior proximidade com os estudantes da turma e conhecendo um pouco mais de suas ideias, opiniões e sobre como sentem e percebem o mundo.

2.1.2 Referencial teórico:

A principal orientação teórica que fundamenta este projeto extraclasse é baseada no teórico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), visto que ele entendia a linguagem/língua como interação verbal e os sujeitos como sendo historicamente constituídos. Pode-se entender, com base nesse autor, que a linguagem/língua é o “lugar” onde ocorre a interação verbal, pois possibilita aos sujeitos interlocutores de um determinado entorno cultural a prática de vários atos de linguagem/língua e de também obter uma reação-resposta dos outros interlocutores.

Assim, os sujeitos, sendo historicamente constituídos, participam de diferentes interações sociais e o modo como eles internalizam o discurso do outro é singular. Além disso, o sujeito não é totalmente determinado por suas ideologias, como também não é absoluto em si, e sim constituído na relação com o outro. Dessa forma, Bakhtin (1929) compreende que o sujeito está em constante devir e em diálogo constitutivo com a alteridade, sendo assim, ele é parte de um todo e está em permanente processo de constituição e também por meio das relações de alteridade. E é por meio dessas relações de alteridade e nas interações sociais que o sujeito se atualiza, reformula, constitui-se e se posiciona axiologicamente frente a seus interlocutores.

Em se tratando da linguagem/língua, a concepção em que se ancora este projeto é a compreensão de um objeto social, tomada nos usos situados e por sujeitos historicizados em suas relações intersubjetivas. A língua institui as relações intersubjetivas, e o emprego da mesma efetua-se em forma de enunciados, sejam orais ou escritos, concretos e únicos, proferidos pelos integrantes em qualquer campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2009[1929])

A linguagem/língua pode ser oralizada (expressão oral) ou escrita (sinais gráficos) e as mesmas possuem diferentes níveis de expressões (coloquial ou padrão). Isso porque, dependendo da esfera social em que o sujeito estiver, ele irá utilizar a linguagem/língua mais adequada para a situação de interação em que se encontra envolvido em um determinado momento histórico. (BAKHTIN, 2009[1929])

A linguagem/língua oral de um sujeito começa ainda quando bebê, com os balbucios. Com o passar dos anos esse sujeito vai aprendendo a se comunicar oralmente com outros sujeitos, pois, à medida que vai crescendo, sai do balbucio e começa a se expressar por palavras e frases. E é importante ressaltar que a aquisição da linguagem/língua oral ajuda na aquisição da linguagem/língua escrita.

Já a linguagem/língua escrita é uma herança cultural e específica de cada sociedade, sendo que existem sociedades ágrafas, ou seja, que não possuem a língua escrita. Como a escrita é um artefato de determinadas culturas, seu ensinamento comumente ocorre, conforme aponta Zorzi (2003), nas escolas (públicas ou privadas).

E tendo em vista que antigamente a linguagem/língua escrita, no nosso caso a Língua Portuguesa, era considerada, e há quem ainda a considere, apenas como resultado de uma relação entre um som de nossa língua (fone) e um sinal gráfico (grafema) que o representa, surge à necessidade de uma nova forma de abordagem que propicie melhor o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, o projeto extraclasse foi voltado para as práticas de uso da língua, ou seja, fala/escuta leitura/escrita e reflexão sobre a língua materna. Para tanto, o conceito de letramento (KLEIMAN,1995) se coloca como uma referência fundamental.

A sociedade costuma tomar *alfabetização* e *letramento* como conceitos sinônimos, compreendendo que letramento é um fenômeno exclusivo da escolarização.

Na língua inglesa, *alfabetização* e *letramento* são designados pela mesma palavra, *literacy*. No Brasil, entretanto, o conceito de *letramento* surgiu exatamente para dar conta de determinadas questões que o conceito de *alfabetização* não abarcava já que se tratava de um conceito ligado apenas ao domínio do sistema alfabético.

Os estudos sobre letramento têm sido expressivos nas últimas décadas no Brasil, disseminados por estudiosas como Ângela Kleiman e Magda Soares. Dessa forma, este projeto de docência se fundamenta, entre outras obras, em Kleiman (1995), que com base em Street (1984) faz um estudo antropológico sobre esse fenômeno.

Segundo o Dicionário Houaiss (2001, p. 1747) em uma das definições do verbete, letramento é o “[...] conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito [...]”. Sob essa perspectiva, letramento é uma prática social, pois os diferentes usos da escrita e da leitura estão nos diferentes entornos socioculturais. A sociedade é movida por relações intersubjetivas, pois a linguagem/língua atende a finalidades específicas, ou seja, o modo da pessoa falar ou escrever irá depender do ambiente, da situação de interação e da mensagem que quer transmitir. Devemos evitar adjetivar os fenômenos de letramento, mas entendemos que quatro adjetivações são procedentes: familiar, escolar, acadêmico e religioso.

Segundo Street (1984 apud KLEIMAN, 1995), podemos compreender o fenômeno do letramento a partir de dois modelos: *modelo autônomo de letramento* e o *modelo ideológico de letramento*. No *modelo autônomo de letramento* a escrita seria tomada na perspectiva da imanência e independência dos contextos de uso. Esse modelo tende a prevalecer nas escolas as quais, na maioria das vezes, generalizam o sujeito aprendiz independentemente de sua historicidade. Já o *modelo ideológico de letramento* é o conjunto de práticas sociais em que o contexto histórico-social do sujeito é fundamental para o aprendizado, pois esse modelo prima pela sensibilidade antropológica em relação à natureza social e historicamente situada dos usuários da escrita. E as *práticas de letramento* são as formas culturais de fazer o uso da escrita e são situadas socioculturalmente. Além disso, as práticas não podem ser visualizadas porque são vivências, valorações que estão por trás dos eventos; Street nomeia o evento como participar de uma aula de literatura, e apenas infere as práticas - valores atribuídos a esse evento, vivências que o antecedem.

Já os *eventos de letramento* são situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido na situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas. Podemos citar dois exemplos de eventos de letramento: uma aula e uma cerimônia de formatura. Ainda, os eventos de letramento são os episódios observáveis dos quais depreendemos as práticas de letramento. Isso pode ser entendido melhor na relação com a metáfora do *iceberg*, em que as práticas de letramento seriam a base do *iceberg* (que fica escondida), enquanto os eventos seriam o topo (que fica visível).

Os eventos de letramento podem ocorrer de diversas formas e em diversas esferas sociais, sendo que em cada campo de utilização da linguagem/língua, principalmente escrita, esses eventos elaboram seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais são chamados de *gêneros discursivos* (BAKHTIN, 2011 [1952/53]). Os gêneros discursivos são infinitos, pois são inesgotáveis as possibilidades da atividade humana. Ainda assim, segundo Bakhtin (2011), podem ser agrupados em *gêneros discursivos primários* e *gêneros discursivos secundários*. Os gêneros discursivos primários são aqueles mais próprios de situações de comunicação verbal cotidiana e estética, são considerados “simples”, e um exemplo pode ser um *bilhete*. Já os gêneros discursivos secundários tendem a ter muitas vozes em dialogia, são considerados “complexos”, e um exemplo pode ser um *romance*. Alguns gêneros, entretanto, com o passar do tempo, deixaram de ser primários e passaram a ser secundários. Um exemplo são os gêneros da esfera jornalística.

A história do jornal impresso é antiga, data-se do ano de 59 A.C., e era uma publicação oficial do Império Romano chamada *Acta Diurna*. Anos mais tarde, a invenção da prensa de papel pelo alemão Johannes Gutenberg possibilitou a impressão de mais jornais e em maior quantidade.

Na esfera jornalística circulam muitos gêneros, mas os principais são: notícia, editorial, reportagem, entrevistas, artigo de opinião, classificados, charges, tirinhas e anúncios. Neste projeto extraclasse, trabalhamos com os alunos os seguintes gêneros: reportagem, entrevista, notícias, classificados, charges, tirinhas e anúncios.

Para escrever um texto que circula num jornal, o jornalista precisa estar bem informado (pesquisar todos os pontos de vistas os lados de um fato) e ser objetivo.

Portanto, escrever um texto de jornal não é tão simples como as pessoas pensam, pois não é resultado apenas da inspiração do jornalista, mas sim do trabalho de escrita e reescrita do mesmo (GERALDI, 2011).

Além disso, não pretendíamos apenas que os alunos compreendessem alguns dos gêneros discursivos da esfera jornalística como uma leitura obrigatória e que seria avaliada em sala de aula pelas estagiárias. Nosso objetivo consistiu em ensinar os alunos a lerem os textos jornalísticos (e outros gêneros discursivos) por fruição, ou seja, “o ler por ler”, gratuitamente (GERALDI, 2011).

Sendo assim, neste projeto extraclasse trabalhamos com o gênero discursivo jornalístico na perspectiva bakhtiniana. E com o intuito de desenvolver um trabalho eficaz, utilizamos a metodologia da sequência didática.

A organização da sequência didática seguida foi a proposta pelos professores Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004[2001]). É importante ressaltar que para trabalhar com a sequência didática é preciso que o professor escolha um gênero discursivo (no nosso caso, o jornalístico), pois nós sempre nos expressamos (oralmente e por escrito) através deles, mesmo que inconscientemente.

A sequência didática escolhida começa pela *apresentação da situação*, ou seja, apresentar de maneira detalhada as tarefas de oralidade e de escrita que os alunos realizarão. A *produção inicial* é para o professor avaliar os alunos e, se precisar, ajustar as atividades propostas futuramente. Já os *módulos* são atividades variadas (orais e escritas) para que os alunos dominem o gênero discursivo proposto. E a *produção final* é para os alunos colocarem em prática o que aprenderam nos módulos e para o professor avaliar uma produção escrita.

Para o processo avaliativo, levamos em consideração a concepção de avaliação proposta por Irandé Antunes. Para a autora, o ensino e a avaliação são processos indissociáveis. Não há modo haver avaliação sem ensino, bem como ensino sem avaliação, dada a importância de ambos. Para refletirmos acerca de nossa própria atuação como professoras, a avaliação tornou-se um instrumento fundamental, pois foi através dela que foram pensadas cada uma das etapas do projeto extraclasse. Nesse

sentido, devemos compreender a avaliação não como um método de seleção meritocrática, mas sim como um componente do processo de ensino-aprendizagem. Através dela, conseguimos perceber o caminho que foi percorrido pelo aluno no processo de aprendizagem, e pudemos planejar o caminho que nós, professores, devíamos percorrer para darmos continuidade ao processo de ensino. Com base nas considerações feitas até aqui, a avaliação ocorreu em cada dia do período de nossas oficinas, pois a aprendizagem se deu em todos esses dias, considerando-se a participação nas atividades propostas, assim como o desempenho dos alunos no alcance dos objetivos.

A participação foi avaliada através da observação feita pelas professoras estagiárias, ou seja, o aluno teve de utilizar a modalidade oral da língua em situações formais e informais de acordo com o contexto, e teve também de saber respeitar professores e colegas, escutando-os quando estes estão fazendo o uso da fala. Outros aspectos relativos às práticas de fala/escuta também foram considerados: se o aluno fez comentários pertinentes em sala de aula, se ele conseguiu trabalhar em grupo, se esteve disposto a aprender e expor suas dúvidas e se o mesmo colaborou durante as aulas.

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos foi avaliado a partir do desenvolvimento do gênero proposto: neste caso, foi avaliado se o mesmo se apropriou da função social e da forma de composição do gênero, em tudo que lhe é inerente, e em seu uso efetivo.

2.1.3 Objetivos:

2.1.3.1 Objetivos Gerais:

- Produzir, em conjunto com os estudantes do turno matutino (6º ao 8º ano do Ensino Fundamental) da EBM Beatriz de Souza Brito, a 5ª edição do Jornal Escolar *Notícias do Beatriz*;
- Desenvolver postura crítica com base na leitura de gêneros próprios da esfera jornalística impressa, tais como: reportagem, entrevistas, notícias, classificados, charges, tirinhas e anúncios, oportunizando, assim, a tomada de posição diante de um texto;
- Aprimorar atitudes criativas na elaboração de textos dos gêneros estudados que abarquem aprendizagens conquistadas e realidades vivenciadas.

2.1.3.2 Objetivos Específicos:

- Compreender a função social, o espaço de circulação e a forma de composição do suporte informativo impresso jornal, através de discussões e análises de sua estrutura e organização, assim como de gêneros discursivos que compõem sua estrutura: reportagens e entrevistas, notícias, classificados, charges, tirinhas e anúncios;
- Ampliar o conhecimento acerca dos gêneros reportagem, entrevista, notícias, classificados, charges, tirinhas e anúncios por meio da leitura-estudo de textos presentes em diferentes jornais impressos que respeitem essas estruturas;
- Identificar as informações e os diferentes pontos de vista próprios de cada gênero estudado;
- Conhecer diferentes formas de apresentação de reportagens, entrevistas, notícias, classificados, charges, tirinhas e anúncios presentes em variados jornais impressos, estabelecendo a relação com os meios nos quais circulam;
- Ampliar conhecimentos de escrita, realizando produções textuais dos gêneros estudados, considerando sua função social e sua forma composicional;
- Socializar as produções textuais como forma de conhecimento, aprendizagem e respeito em relação ao trabalho do outro.

2.1.4 Conhecimentos Trabalhados:

Os conhecimentos trabalhados neste projeto referem-se à função social, à esfera de circulação e à forma de composição de gêneros que constituem um jornal, como reportagem, notícia, entrevista, classificados, charges, tirinhas e anúncios. Com base no estudo desses gêneros, destacamos aspectos da Língua Portuguesa e da Literatura em articulação com as práticas de uso da língua (fala/escuta, leitura/escrita e reflexão sobre os recursos discursivos, textuais e linguísticos).

Ao longo de quatro encontros, trabalhamos os seguintes conhecimentos:

- Reconhecimento da esfera jornalística;
- Elementos da estrutura de um jornal;
- Condições de produção, função social, público leitor, forma de composição, recursos expressivos, marcas discursivas e marcas linguísticas de gêneros que constituem um jornal, tais como: reportagem, entrevista, notícia e variedades;
- Estratégias de pesquisa e coleta de dados para a elaboração da 5ª edição do jornal da escola;
- Domínio da norma de prestígio na produção escrita por meio da elaboração de textos que respeitem a estrutura dos gêneros estudados;
- Intertextualidade.

2.1.5 Metodologia:

As oficinas foram planejadas e desenvolvidas pensando em um trabalho constituído a partir do conhecimento dos estudantes acerca dos gêneros que compõem a esfera jornalística, tendo em vista a construção de novos aprendizados sobre esses gêneros, procurando desenvolver assim um ensinar e aprender enriquecedores. Para tanto, foram utilizados recursos avaliativos que contemplassem, além de conteúdo, um trabalho criativo que promovessem interesse e gosto pela leitura dos gêneros jornalísticos.

Dessa forma, as oficinas foram organizadas da seguinte maneira:

Data	Atividade
04/11/2014	<ul style="list-style-type: none"> ● Palestra sobre o fazer jornalístico com jornalista do jornal Diário Catarinense; ● Leitura-estudo de diferentes jornais impressos.

06/11/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Organização dos grupos por gêneros a serem trabalhados; • Estudo do gênero, através de análise de textos dos diferentes gêneros; <ul style="list-style-type: none"> • Escolha do tema.
11/11/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Produção escrita da 1ª versão dos textos a serem publicados no jornal.
12/11/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Análise linguística • Reescrita e finalização da produção Textual.
19/11/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Visita à Imprensa da UFSC.

Para estas 5 oficinas foram usados os seguintes recursos:

- Jornais impressos;
- Exemplares do jornal “Notícias da Bia”;
- Exemplares do jornal “Notícias do Beatriz”;
- Exemplares do jornal “Hora de Santa Catarina”;
- Exemplares do Jornal “Diário Catarinense”;
- Textos jornalísticos selecionados previamente (notícias, reportagens, entrevistas, classificados, charges, tirinhas e anúncios);
- Caneta e papel para anotações;
- Quadro e caneta;
- Folhas pautadas;
- Computador.

Na próxima seção serão apresentados os planos de cada uma das oficinas ministradas.

2.1.6 Planos de Aulas das Oficinas

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Ciências da Educação

Departamento de Metodologia de Ensino

Disciplina: estágio de ensino de língua portuguesa e literatura i

Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

E.B.M Beatriz de Souza Brito

Projeto Extraclasse: Jornal Escolar Notícias do Beatriz.

Estagiárias: Aline Oliveira Souza, Ana Cláudia Vicente Demétrio, Analu Cassiani Pedreno, Juliana Rosa Pacheco, Bianca Móra Bortoluzzi e Silvana Braga Martins.

Plano de oficina extraclasse 01 - Data: (04/11 – Terça-feira – 13h:30min às 15h:45min) Duração 3 h/a

Tema: O jornal e o fazer jornalístico

Objetivos

Objetivos Gerais:

- Conhecer o fazer jornalístico pela escuta atenta e ativa de uma palestra com profissional da área acerca de aspectos fundantes dessa esfera de comunicação humana;
- Reconhecer o jornal impresso como um dos meios de comunicação da esfera jornalística pela análise de exemplares de diferentes jornais impressos.

Objetivos Específicos:

- Conhecer o projeto extraclasse a ser desenvolvido ao longo de cinco oficinas, dialogando acerca de questões referentes à metodologia do projeto;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa de aspectos que constituem o fazer jornalístico a serem relatados na palestra com profissional da área e na atividade de interação entre palestrante e alunos;
- Fazer uso da escrita para registrar a fala do outro e para organizar a própria fala;
- Expressar-se com clareza, coerência e fluência na elaboração de questionamentos ao palestrante e na atividade de apresentação aos colegas de projeto;
- Identificar semelhanças e diferenças na organização e na forma de apresentação de jornais impressos, pela análise de diferentes exemplares;
- Identificar os gêneros que constituem um jornal impresso pela análise de diferentes exemplares.

Conhecimentos trabalhados

- Prática da oralidade: clareza, coerência, expressividade na elaboração de questionamentos ao palestrante e na apresentação oral do colega ao grande grupo;
- Prática da escuta;
- Estrutura do jornal e seus mais variados gêneros;

- Leitura-estudo de jornais.

Metodologia

- Receber os alunos na sala, as carteiras estarão organizadas em forma de círculo.
- Apresentação das professoras estagiárias e realização de uma breve dinâmica de apresentação em que os alunos deverão falar algumas informações sobre si, para que possam se conhecer melhor.
- Logo após a apresentação dos alunos, as professoras apresentarão o palestrante e, em seguida, ele falará acerca do jornal e de suas características. Os alunos terão a oportunidade de dialogar e fazer questionamentos ao profissional.
- Ao término da palestra, serão distribuídos vários exemplares de jornais entre os alunos, e eles deverão lê-los como forma de aproximação com esse suporte. Eles deverão identificar os cadernos e as seções que compõem o jornal, para posteriormente, identificarem os gêneros.
- Por último, os alunos deverão escolher com quais gêneros pretendem trabalhar, para então se reunirem em grupos de quatro alunos, para que possam trabalhar até o fim do projeto em equipe.

Recursos didáticos

- Projetor Multimídia;
- Caderno;
- Lápis;
- Caneta;
- Quadro;
- Giz.

Avaliação

- Os alunos serão avaliados pelas professoras durante a aula através da observação dos seguintes aspectos:
- Colaboração com a proposta de reflexão acerca da temática, contribuindo com questionamentos e proposições;
- Clareza, coerência e expressividade na proposição de questionamentos ao palestrante e na apresentação oral;
- Envolvimento na atividade de leitura-estudo de jornais, pela adequação e pertinência das respostas ao roteiro de análise dos jornais.

Referências:

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7a. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na Sala de Aula**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: estágio de ensino de língua portuguesa e literatura i
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

E.B.M Beatriz de Souza Brito

Projeto Extraclasse: Jornal Escolar Notícias do Beatriz.

Estagiárias: Aline Oliveira Souza, Ana Cláudia Vicente Demétrio, Analu Cassiani Pedreno, Juliana Rosa Pacheco, Bianca Móra Bortoluzzi e Silvana Braga Martins.

Plano de oficina extraclasse 2: Data: 06/11/2014 – Quinta-feira (13h30min às 15h45min) 3h/a

Tema: Gêneros do jornal impresso.

Objetivos

Objetivo geral:

- Reconhecer a função social, a forma de composição, os recursos discursivos, textuais e linguísticos de gêneros que constituem o jornal impresso, pela análise de exemplares de reportagem, entrevista, notícias, estabelecendo a relação com outros meios de comunicação.

Objetivo específico:

- Analisar diferentes textos dos gêneros reportagem, entrevista, notícias, estabelecendo a relação com outros meios de comunicação, identificando marcas discursivas, textuais e linguísticas, próprias de cada gênero.
- Reconhecer aspectos relevantes dos gêneros reportagem e entrevista, notícias, classificados, charges, tirinhas e anúncios, com base no tema e no gênero selecionado pelo grupo, para a produção da 1ª versão do texto que integrará o jornal Notícias do Beatriz .

Conhecimentos trabalhados

- Leitura-estudo de textos jornalísticos de jornal impresso;
- Produção textual.
- Recursos expressivos e linguísticos específicos de cada gênero analisado;
- Esquemas temporais e verbais, marcas da fala do outro e outras especificidades relacionadas a cada gênero.

Metodologia

- Fazer a chamada e encaminhar os alunos para uma leitura dos textos jornalísticos de jornal impresso;
- Apresentar textos jornalísticos de jornal impresso;

- Analisar dos jornais;
- Escolher dos temas da produção escrita.

Recursos didáticos

- Jornais impressos;
- Folhas pautadas.

Avaliação

- Será avaliada a participação dos alunos na atividade de análise dos jornais para apropriação do gênero trabalhado.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: estágio de ensino de língua portuguesa e literatura i
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito

Projeto Extraclasse: Jornal Escolar Notícias do Beatriz.

Estagiárias: Aline Oliveira Souza, Ana Cláudia Vicente Demétrio, Analu Cassiani Pedreno, Juliana Rosa Pacheco, Bianca Móra Bortoluzzi e Silvana Braga Martins.

Plano de Oficina Extraclasse 3 - Data: 11/11/2014 – Terça-feira (13h30min às 15h45min) – 3h/a

Tema: Produção textual 01.

Objetivo Geral:

- Produzir a primeira versão do texto que integrará a 5ª edição do jornal Notícias do Beatriz, valendo-se das discussões e pesquisas já realizadas nas aulas anteriores sobre os gêneros estudados.

Objetivos Específicos:

- Revisar aspectos relevantes dos gêneros reportagem e entrevista, notícias, classificados, charges, tirinhas e anúncios, com base no tema e no gênero selecionado para cada grupo, para a produção da 1ª versão do texto que integrará o jornal notícias do Beatriz;
- Aprimorar a compreensão do conceito, da função social e da forma de composição dos gêneros estudados pelo exercício da escrita de reportagem e entrevista, notícias, classificados, charges, tirinhas e anúncios;
- Fazer uso dos esquemas temporais e verbais, das marcas da fala do outro e das especificidades relacionadas a cada gênero na produção escrita da 1ª versão do texto do gênero sob a responsabilidade de cada grupo.

Conhecimentos trabalhados

- Escrita individual de textos relacionados ao gênero estudado em cada grupo, considerando função social e forma de composição;
- Recursos expressivos e linguísticos específicos de cada gênero analisado;
- Esquemas temporais e verbais, marcas da fala do outro e outras especificidades relacionadas a cada gênero.

Metodologia

- Discussão e seleção, de acordo com os grupos já organizados na primeira aula, dos temas utilizados como base para o desenvolvimento da primeira produção escrita;
- Conceder tempo para o término da primeira produção escrita;

- Recolher a produção escrita.

Recursos didáticos

- Exemplares do jornal “Notícias da Bia”;
- Exemplares do jornal “Notícias do Beatriz”;
- Exemplares do jornal “Hora de Santa Catarina”;
- Exemplares do Jornal “Diário Catarinense”;
- Textos jornalísticos selecionados previamente (notícias, reportagens, entrevistas, charges, tirinhas);
- Caneta e papel para anotações;
- Folhas pautadas;
- Textos produzidos pelos alunos.

Avaliação

O processo avaliativo se dará, principalmente, a partir da produção textual escrita, considerando a adequação ao gênero e à modalidade escrita formal da língua portuguesa, como também por meio da participação e questionamentos dos estudantes nas discussões construídas em pequenos grupos.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7a. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- GERALDI, João Wanderlei. **O texto na Sala de Aula**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: estágio de ensino de língua portuguesa e literatura i
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito

Projeto Extraclasse: Jornal Escolar Notícias do Beatriz.
Estagiárias: Aline Oliveira Souza, Ana Cláudia Vicente Demétrio, Analu Cassiani Pedreno, Juliana Rosa Pacheco, Bianca Móra Bortoluzzi e Silvana Braga Martins.

Plano de oficina extraclasse 4 - Data: 13/11/2014 Quinta-feira (13h30min às 15h45min) – 3h/a

Tema: Reescrita dos gêneros.

Objetivo Geral:

- Revisar a produção textual, levando em consideração as indicações feitas pelas professoras estagiárias, com o intuito de adequar o texto ao gênero e à modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Objetivos Específicos:

- Elaborar a versão final dos gêneros estudados com base nas indicações e reflexões realizadas, adequando o texto ao gênero e às convenções próprias da escrita.

Conhecimentos trabalhados

- Gêneros do discurso da esfera jornalística.
- Análise linguística.

Metodologia

- Receber os alunos e depois organizá-los em pequenos grupos de acordo com a divisão realizada desde a primeira oficina;
- Orientar os alunos a fazerem uma leitura crítica de sua produção textual;
- Realizar em cada grupo a análise linguística juntamente com os alunos, orientando-os para que juntos encontrarem os aspectos a serem melhorados no texto;
- Orientar os alunos durante a reescrita, assim como acompanhá-los e dar suporte durante a atividade.

Recursos didáticos

- Computador;
- Materiais para escrever (lápiz, borracha, caneta);
- Textos produzidos pelos alunos.

Avaliação

Os alunos serão avaliados pelas professoras durante as oficinas, através da observação dos seguintes aspectos:

- Se o aluno colaborou com a proposta de reflexão dos textos produzidos na oficina anterior, contribuindo com questionamentos e proposições;
- Se o aluno entregou a produção escrita ao final da aula;
- Desempenho na atividade de escrita, considerando aspectos textuais e linguísticos.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7a. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na Sala de Aula**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.

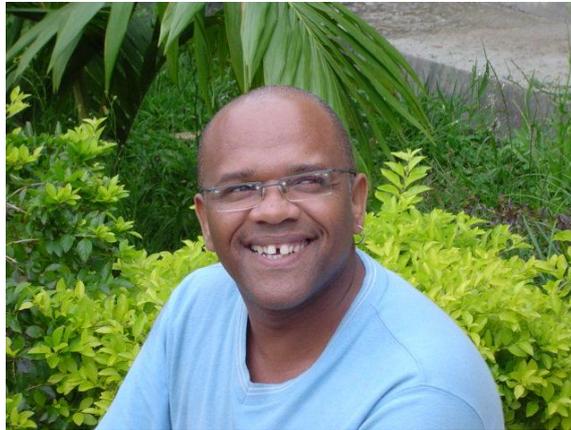
VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Exemplos de trabalhos dos alunos

Homofobia: assunto importante e atual

Nós, do Jornal do Beatriz, queríamos conhecer mais sobre o assunto da homofobia. Para isso, entrevistamos o professor Pedro.

O professor Pedro Cabral Filho nasceu na cidade de Florianópolis/SC e estudou na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no curso de Artes, com habilitação em música. Fez mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em teoria e prática pedagógica, e doutorado na Universidade de São Paulo (USP), em história e historiografia da educação.



Fonte: arquivo pessoal/Facebook

JB: Você poderia falar um pouco para nós sobre quem é o professor Pedro, para que possamos apresentá-lo aos nossos leitores.

Pedro: Sou professor de artes desde o ano de 1986, portanto desde que saí da universidade. Tenho especialização, mestrado e doutorado. Na Escola, além de professor de artes, sou coordenador pedagógico dos anos finais e já fui diretor por 12 anos. Assumo para os meus alunos que sou homossexual para que eles me respeitem como pessoa, em todos os sentidos.

JB: A proposta da entrevista é saber um pouco mais sobre como o tema da homofobia é discutido na Escola Beatriz. Sabemos que a homofobia pode se manifestar por atitudes discretas e sutis, mas também de forma mais evidente, através de agressões verbais, físicas e morais. Como professor e coordenador pedagógico, o senhor observa atitudes que indiquem alguma forma de homofobia no espaço escolar? Como elas se manifestam?

Pedro: Na Escola não é discutido o tema da homofobia, assim como não são discutidos outros temas importantes. Têm homofóbicos na Escola. Um exemplo é quando um aluno chama outro de gay, sem que necessariamente ele seja, mas o chama assim para humilhar o mesmo.

JB: Se forem observadas atitudes de homofobia pelos membros da comunidade escolar, quais são os encaminhamentos para evitar a repetição dessa prática?

Pedro: Se o um professor identificar que tem um aluno que pode ser gay, pois gay é quem assume, este professor comenta no conselho de classe e, nos dias de aula, observa se esse aluno está sofrendo com homofobia por partes dos outros alunos.

JB: A escola desenvolve algum projeto de orientação para prevenir atos de homofobia nesse espaço e também na sociedade?

Pedro: A escola não desenvolve nenhum projeto para evitar atos de homofobia, mas temas relacionados à intolerância e ao *bullying* são sempre falados na sala de aula.

JB: O que o senhor pensa sobre o Projeto de Lei da Câmara (PLC) 122/2006, em tramitação no Congresso, que prevê a criminalização da discriminação gerada por diferença de gênero ou orientação sexual?

Pedro: Se a lei passar será importante. Mas não sei se passa, porque a maioria da bancada é composta por evangélicos e eles acham que ser gay é doença e querem “curar” os mesmos.

O CARDÁPIO DO BEATRIZ É MAIS SAUDÁVEL

Como todos na escola devem ter notado, a partir do início deste ano de 2014, o cardápio da escola sofreu uma modificação. Considerando que muitas crianças estão sendo vítimas de obesidade, a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis promoveu uma adequação no cardápio das escolas e uma nutricionista foi contratada para tornar a merenda escolar mais saudável. Na alimentação dos alunos estão incluídas vitaminas, proteínas, carboidratos e outros elementos importantes para uma dieta saudável.

Agora o cardápio da escola conta com frutas como abacaxi, abacate, banana, caqui, goiaba, maçã e pera. Hortaliças sazonais como alface, acelga, brócolis, couve-flor, entre outras, integram a alimentação dos alunos. No cardápio também estão incluídos pães integrais, iogurte e patês de queijo caseiro e atum. Para os alunos que ficam na escola no período integral é servido almoço com arroz, carnes e verduras, legumes e frutas, além de suco natural.



Bananas oferecidas no recreio

Foto: Silvana Braga

Com essa nova dieta, a escola pretende contribuir para a reeducação alimentar dos seus alunos e incentivá-los a comer alimentos mais saudáveis. Nas dependências da escola os

alunos não podem consumir guloseimas como balas, chicletes e pirulitos, nem refrigerantes e salgadinhos. Dessa forma, a escola pretende colaborar para o crescimento e o desenvolvimento mais saudável de seus alunos.

CRISE DA ÁGUA EM SÃO PAULO

Moradores do Estado de São Paulo sentem hoje o que já sofreram em anos anteriores cidadãos castigados pela seca em outros Estados.

A crise que abate São Paulo é, em parte, consequência da falta de água nas cabeceiras dos rios que abastecem o Sistema Cantareira. Trata-se de um conjunto de represas responsáveis por abastecer 9 milhões de habitantes na Grande São Paulo. Todo esse sistema depende das chuvas para a sua manutenção, mas com a escassez de chuva dos últimos meses, o nível da represa baixou como nunca antes. Agora, os habitantes que dependem desse abastecimento sofrem com o racionamento e até a falta de água.

Diversas piadinhas e *memes* na internet surgiram por conta da situação, que não tem previsão de ser solucionada.



Foto: Patrícia Stavis

OBRAS DO BEATRIZ ESTÃO PARADAS

Problemas contratuais paralisam as obras da reforma da escola.

As obras da tão esperada reforma da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito começaram no mês de junho deste ano de 2014, mas devido à desistência da empreiteira responsável, as obras pararam logo depois de terem iniciado.

Há uma promessa de reinício das obras no começo do ano que vem. Para isso acontecer, as empresas que participaram da primeira licitação serão chamadas novamente para avaliação do interesse em realizar a reforma e, em caso de negativa, uma nova licitação será aberta.

Enquanto as obras não andam, o grande espaço recreativo que a escola oferece está prejudicado, principalmente pela interdição da quadra de esportes.

Os alunos aguardam o término das obras um tanto animados com a expectativa de melhora, mas também estão enfurecidos devido à paralisação.

A pergunta que não se cala é: será que essa promessa vai se concretizar e as obras acontecerão de fato?



Auditório da escola

Foto: Silvana Braga

BEATRIZ VISITA SEPEX

Alunos da Escola Beatriz visitam a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nos dias 29 e 30 de outubro de 2014, os alunos da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito visitaram a 13ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão – SEPEX, da UFSC. Acompanhados por professores e por profissionais da equipe pedagógica da escola, os estudantes puderam conhecer diversos projetos de pesquisa e de extensão desenvolvidos pelos acadêmicos da universidade em diferentes áreas do conhecimento. Os que mais chamaram a atenção das crianças e dos adolescentes foram os das áreas de ciências e tecnologia, expostos em vários estandes no campus da UFSC. A visita foi organizada em dois dias e em dois períodos. Os alunos do período vespertino fizeram a visita no dia 29, das 14h às 16h e os do período matutino visitaram a SEPEX no dia 30, das 8h às 10h da manhã.



Foto: Acervo da Escola

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: estágio de ensino de língua portuguesa e literatura i
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

E.B.M Beatriz de Souza Brito

Projeto Extraclasse: Jornal Escolar Notícias do Beatriz.

Estagiárias: Aline Oliveira Souza, Ana Cláudia Vicente Demétrio, Analu Cassiani Pedreno, Juliana Rosa Pacheco, Bianca Móra Bortoluzzi e Silvana Braga Martins.

Plano de oficina extraclasse 5 - Data: 19/11/2014 Quinta-feira (13h30min às 15h45min) – 3h/a

Tema: Visita à Imprensa da UFSC

Objetivo Geral:

- Estabelecer relações entre os gêneros da esfera jornalística estudados nas oficinas e a prática de impressão e distribuição de informações de diversas esferas através da Imprensa Universitária.

Objetivos Específicos:

- Compreender o processo pelo qual uma informação passa até ser reproduzida e divulgada;
- Praticar a observação e a escuta, através da mediação da visita.

Conhecimentos trabalhados:

- Prática de impressão e reprodução de gêneros do discurso de diversas esferas, inclusive jornalísticas;
- Prática de observação e escuta.

Metodologia

- Receber os alunos e recolher as autorizações para a visita à Imprensa da UFSC;
- Organizar os alunos e orientá-los sobre a dinâmica da visita;
- Encaminhar e acompanhar os alunos à Imprensa da UFSC;
- Mediar a visita;
- Retornar com os alunos para a escola;
- Discutir e refletir criticamente sobre aspectos observados na visita;
- Encerrar a oficina.

Recursos didáticos

- Materiais para escrever (lápis, borracha, caneta).

Avaliação

Os alunos serão avaliados pelas professoras durante as oficinas através da sua participação na visita à Imprensa da UFSC e do seu envolvimento na discussão e reflexão propostas ao final da visita.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7a. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na Sala de Aula**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Imagens da visita à Imprensa Universitária







2.2 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ATIVIDADE EXTRACLASSE:

As cinco aulas do projeto extraclasse se constituíram em um desafio para nós, pois tivemos que primeiro nos apropriar dos gêneros da esfera jornalística, aos quais a maioria de nós não estava acostumada, para poder ensiná-los aos alunos num curto período de tempo.

Para facilitar o trabalho e em vista do tempo que tínhamos, nós optamos por organizar a elaboração do Jornal em grupos, sendo que cada grupo ficou responsável pelo desenvolvimento de um gênero dentre os propostos.

Nesse sentido, encontramos alguma dificuldade, pois percebemos que os alunos, apesar de tentarem escolher os gêneros que lhes pareciam mais interessantes, acabaram por se organizar em grupos por afinidade, o que dificultou um pouco o nosso trabalho por causa das brincadeiras e conversas paralelas que tínhamos de controlar para desenvolver os textos. Uma alternativa para um próximo trabalho desse tipo é tentar empregar outra estratégia de organização, como sorteio, por exemplo.

Outro fator que influenciou no andamento do projeto foi o fato de não conhecermos a turma, visto que trabalhamos com alunos do contraturno. Notamos que alguns, no princípio, ficaram um tanto receosos e hesitantes, mas com o tempo conseguimos estabelecer uma boa relação, o que foi fundamental para o desenvolvimento do jornal.

Por isso, apesar de alguns pequenos contratempos com respeito a espaço físico, horários e de nossa inexperiência, conseguimos desenvolver um trabalho honesto e interessante, sendo que o resultado pôde ser apreciado por todos os atores que integram a escola.

3 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

Durante todo o período de docência, pudemos notar que vivência do fazer docente no espaço escolar é muito diferente do que imaginávamos e do que tínhamos estudado nas diversas teorias sobre educação na Universidade.

Pudemos observar e participar de diversas atividades que conhecíamos apenas na teoria, e que ao vivenciá-las na prática percebemos o quão difícil e desgastante é a rotina do profissional da educação. Por exemplo, tivemos que acompanhar os alunos na visita à Semana de Ensino e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina – SEPEX. No dia da visita fazia muito calor e tivemos de caminhar até à Universidade, mas não se via nenhum professor reclamando ou questionando, ao contrário estavam sorridentes e descontraídos.

Outro evento do qual participamos foi o Conselho de Classe. Nele, percebemos o quanto os professores conhecem cada aluno e que realmente se interessam pelo desenvolvimento intelectual de cada um. Nessa ocasião, pudemos notar também que o professor tem de lidar com muitos obstáculos para alcançar a aprendizagem dos alunos, e que a maioria transcende as paredes da sala de aula. De modo que, na tentativa de ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem, é muito difícil o professor não se envolver emocionalmente com seus alunos, visto que muitos fatores influenciam no seu desenvolvimento, principalmente os de caráter psicológico, econômico e social. E o professor tenta lidar com tudo isso de forma a propiciar ao aluno, ainda que apenas na sala de aula, um ambiente educacional com base e princípios que muitas vezes o educando não tem em casa.

Participar dessas atividades mostrou-se extremamente enriquecedor para a nossa formação docente, principalmente do Conselho de Classe, pois além de conhecer melhor o funcionamento da prática educativa da escola, pudemos também conhecer melhor os professores e saber o que eles pensam sobre os alunos e a educação, assim como suas angústias e expectativas.

Durante o período em que estivemos na escola, também pudemos observar e interagir com os alunos além da sala de aula, nos corredores, nos espaços interativos e

principalmente na hora do recreio quando alguns vinham conversar conosco, o que nos proporcionou desenvolver uma relação amigável com eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa formação acadêmica, cursamos diversas disciplinas com o objetivo de nos preparar para o momento que estamos vivenciando agora – a docência. De modo que o Estágio Supervisionado de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I foi a oportunidade de colocarmos em prática o que aprendemos na licenciatura, correlacionando a teoria e a prática no exercício efetivo da docência.

Apesar de trabalhoso, cansativo e muito desgastante, podemos dizer que a experiência vivenciada e adquirida no Estágio I foi extremamente importante e relevante para a nossa formação enquanto docentes. Nele, tivemos um aprendizado que é apenas possível na prática. Além de vivenciar, ainda que por um curto período, a realidade do profissional da educação com os seus desafios e realizações.

Aprendemos que ser professor envolve dedicação e abnegação, pois ele tem de participar de diversas tarefas que vão além da sala de aula, como preparar uma boa aula, participar de eventos como Conselho de Classe, entrega de notas e passeios, atividades que muitas vezes ultrapassam o horário de trabalho, mas que são significativas para o bom desenvolvimento do fazer docente. Aprendemos ainda que ser professor é um desafio diário porque não existem fórmulas prontas de “como ensinar”, na realidade muitas vezes o que planejamos não sai como esperávamos e então temos que criar novas estratégias para alcançar o nosso objetivo.

Enfim, ser professor é estar disposto a aprender e a ensinar, a se desprender de todo e qualquer pré-conceito, e querer buscar todos os dias fazer o seu melhor – educar. E isso não é ensinado em nenhum curso, em nenhuma Universidade, isso só se consegue no pleno exercício do ser docente.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, H. **A polegarzinha.** Disponível em: <<http://guida.querido.net/andersen/conto-02.htm>>. Acesso em: 22 set. 2014.

ANDERSEN, H. **O soldadinho de chumbo.** Disponível em: <<http://historiasencantar.blogspot.com.br/2008/11/o-soldadinho-de-chumbo.html>>. Acesso em: 22 set. 2014.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. _____ . **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

GOTLIB, N.B.. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 2008.

GRIMM. **Branca de neve e os sete anões.** Disponível em: <http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve>. Acesso em: 20 set. 2014.

História do jornal impresso. Disponível em: <<http://caminhosdojornalismo.wordpress.com/2011/05/30/o-surgimento-do-jornal-impresso/>>. Acesso em: 23 de out. 2014.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEMISNKI, P.. **Toda poesia: Paulo Leminski.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MOISÉS, M.. **A criação literária: prosa.** 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SINGH, Tarsem. **Espelho, Espelho Meu.** Imagem Filmes: EUA, 2012.

SOUSA, M.. **A Branca de Neve.** São Paulo: Editora Mauricio de Sousa, 2008.

VALE, Luíza Vilma Pires. **Narrativas infantis.** In: Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre, Artmad Editora: 2001.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino de literatura.** São Paulo: Contexto, 1988.

ZORZI, J. L. Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1 - Questionário aplicado à professora da turma

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BEATRIZ DE SOUZA BRITO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professora Orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Estagiárias: Aline Oliveira Souza, Ana Cláudia Vicente Demétrio, Analu Cassiani Pedreno, Juliana Rosa Pacheco, Bianca Móra Bortoluzzi e Silvana Braga Martins.

Cara professora,

Nós, estagiárias da 9ª fase do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estamos realizando nosso estágio de docência em três de suas turmas. Para desenvolver o nosso Relatório de Observação e o Projeto de Docência, elaboramos algumas perguntas com o objetivo de conhecer melhor o trabalho que você desenvolve na EBM Beatriz de Souza Brito e saber mais sobre você, seus interesses sociais e sobre o ensino de Língua Portuguesa. Suas respostas serão utilizadas apenas para as nossas atividades do estágio de docência, dessa forma, sinta-se à vontade para responder às questões.

Nome:

—

Idade:

—

1. Conte-nos sobre seu percurso de formação profissional, os obstáculos, as peculiaridades, curiosidades, e vitórias desse período.

2. Há quantos anos você exerce a atividade docente? Há quanto tempo na EBM Beatriz de Souza Brito? Além dessa escola, atua em outra?

3. Qual a sua carga horária semanal de trabalho? Em que regime de trabalho (efetivo ou temporário)?

4. Tem outra atividade remunerada? Qual?

5. Qual o número de turmas e de alunos que você tem atualmente?

6. Comente sobre sua compreensão acerca do ensino de Língua Portuguesa como disciplina curricular.

7. Destaque a compreensão de sujeito, de ensino e de aprendizagem e de linguagem que fundamentam a sua proposta de trabalho para o ensino de língua portuguesa.

8. Procure descrever/detalhar sua metodologia de trabalho para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, fala e escuta dos alunos.

9. Como planeja suas aulas e, nesse processo, como se efetiva o diálogo com os professores de outras disciplinas?

10. Qual a relevância da biblioteca da escola, do uso de novas tecnologias, meios midiáticos e novas linguagens no planejamento das suas aulas? Se possível, nos dê alguns exemplos.

11. Na escola, há projetos que envolvem a disciplina de Língua Portuguesa? De quais você participa?

12. Comente sobre a escolha do material didático, incluindo a sua autonomia nesse processo.

13. Comente sobre suas práticas sociais de leitura.

14. Há alguma observação relevante acerca do ensino de Língua Portuguesa que você gostaria de deixar registrada?

15. Na sua percepção, qual o maior desafio no ensino de Língua Portuguesa nas turmas de sexto, sétimo e oitavo anos?

ANEXO 2 - Questionário aplicado aos alunos

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Centro de Ciências da Educação - CED
Departamento de Metodologia de Ensino – MEN
Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito
Professora Orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Estagiárias: Bianca Móra Bortoluzzi e Silvana Braga Martins
Turma: 72 – 7º ano do Ensino Fundamental

Questionário sobre interesses sociais e de aprendizagem da turma 72

Caros alunos e caras alunas,

Nós, estagiárias da 9ª fase do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estamos realizando nosso estágio de docência na turma de vocês. Para elaborar o nosso Projeto de Docência, elaboramos algumas perguntas com o objetivo de conhecê-los melhor. Assim podemos saber mais sobre você, sobre seus interesses sociais e de aprendizagem. Sintam-se à vontade em responder, pois o que você responder será utilizado apenas para as atividades do nosso estágio de docência e para o planejamento das nossas aulas.

A sua colaboração nas respostas desse questionário é importante para nós! 😊

1. Idade:

2. Sexo: () Masculino () Feminino

3. Em qual cidade você nasceu?

4. Em que bairro você mora?

5. Qual o meio de transporte que você utiliza para vir à Escola?

6. O que você gosta de fazer quando não está na Escola?

_____ Por _____ quê?

7. Qual (ou quais) das disciplinas oferecidas na Escola você mais gosta?

Língua Portuguesa Matemática Artes Educação Educação Física
 Ciências Geografia História Língua inglesa

Por _____ quê?

8. O que você costuma ler quando não está na Escola?

Livros Revistas Jornais Gibis Bíblia Outros

9. Você gosta de ler?

Sim Não

Por _____ quê?

10. Você prefere ler livros com histórias clássicas ou histórias modernas?

Livros com histórias clássicas Livros com histórias modernas

Por _____ quê?

11. Assinale qual (ou quais) gênero(s) destacado(s) você prefere ler?

Romance Ficção Contos Fábulas Crônica Reportagem
 Poesia Carta

12. Você escreve textos quando não está na Escola?

Sim Não

Caso a resposta seja afirmativa, o que escreve? _____

13. Dos gêneros textuais destacados a seguir, assinale aquele(s) que você prefere escrever na aula de Língua Portuguesa?

Romance Ficção Contos Fábulas Crônica Reportagem
 Poesia Carta

14. Você sabe o que é um conto como, por exemplo, *A Bela e a Fera*, *O pequeno polegar*, *Branca de Neve*, entre outros?

Sim Não

Por quê?

15. Você já leu um conto?

Sim Não

Caso a resposta seja afirmativa, onde leu?

Caso a resposta seja afirmativa, qual o título?

Agradecemos sua colaboração! ☺

ANEXO 3 – Registro de Observação da estagiária Bianca Móra Bortoluzzi



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito
Turma: F2 (7º ano do ensino fundamental)
Professor(a): Rita de Lássia Peres
Estagiário(a): Bianca M. Bortoluzzi
Período de observação total: 20/08 até 12/09

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	20/08	13:30 - 14:15	Interpretação de texto no livro didático	
Aula 2	20/08	14:15 - 15:00	Interpretação de texto no livro didático	
Aula 3	22/08	13:30 - 14:15	Interpretação de texto	
Aula 4	22/08	14:15 - 15:00	Interpretação de texto	
Aula 5	05/09	13:30 - 14:15	Continuação da avaliação	
Aula 6	05/09	14:15 - 15:00	Aplicação do questionário	
Aula 7	10/09	13:30 - 14:15	Exercícios do livro didático	
Aula 8	10/09	14:15 - 15:00	Visita a biblioteca	
Aula 9	12/09	13:30 - 14:15	Correção de exercícios	
Aula 10	12/09	14:15 - 15:00	Sinônimos	

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

ANEXO 4 – Registro de Observação da estagiária Silvana Braga Martins



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: E. B. M. Beatriz de Souza Brito
Turma: 72
Professor(a): Lilias de Carmo Peres
Estagiário(a): Silvana Braga Martins
Período de observação total: _____

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	20/08/14	13:30	Correção de Exercícios sobre Crônica	
Aula 2	20/08/14	14:15	Correção de Exercícios sobre Crônica	
Aula 3	22/08/14	13:30	Interpretação de Texto	
Aula 4	22/08/14	14:15	Interpretação de Texto	
Aula 5	27/08/14	13:30	Planejamento de Crônica	
Aula 6	27/08/14	14:15	Planejamento de Crônica	
Aula 7	28/08/14	13:30	Produção Textual: Crônica	
Aula 8	28/08/14	14:15	Produção Textual: Crônica	
Aula 9	03/09/14	13:30	Elaboração de Crônica	
Aula 10	03/09/14	14:15	Elaboração de Crônica	

Gláucia Helena Machado
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

ANEXO 5 – Termo de Compromisso de Estágio de Bianca Móra Bortoluzzi

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional
Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagioprog@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 560341

O(A) Prefeitura Municipal de Florianópolis-Secretaria Municipal de Educação, CNPJ 82.892.282/0009-09, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). **Edilton Luis Piacentini**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof. (a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Bianca Móra Bortoluzzi**, CPF 008.434.149-10, telefone 4896586573, e-mail **biancabortoluzzi@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **10201775** no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

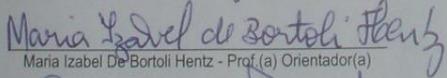
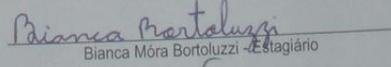
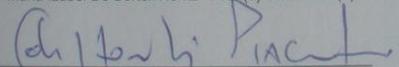
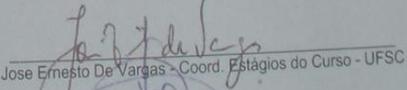
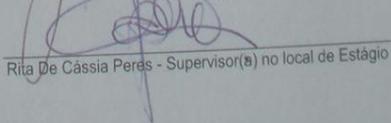
<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 01/03/2010 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof. (a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola Básica Municipal Beatriz de Sousa Brito, de 11/08/2014 a 12/12/2014, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Rita De Cássia Peres.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
--	---

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 560341

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

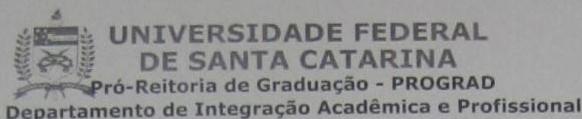
Estágio de observação em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis, 18 de agosto de 2014.

 Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof. (a) Orientador(a)	 Bianca Móra Bortoluzzi - Estagiário
 Edilton Luis Piacentini - Representante na CONCEDENTE	 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC
	 Rita De Cássia Peres - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 560341 - Gerado pelo SIARE em 14/08/2014 às 11:38:24 hs.

ANEXO 6 – Termo de Compromisso de Estágio de Silvana Braga Martins



Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 560586

O(A) Prefeitura Municipal de Florianópolis-Secretaria Municipal de Educação, CNPJ 82.892.282/0009-09, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a) **Edilton Luis Piacentini**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Silvana Braga Martins**, CPF 344.013.758-90, telefone 88160028, e-mail silclarissima@yahoo.com.br, regularmente matriculado(a) sob número 10201801 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|--|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 01/03/2010 e vinculado à disciplina MEN7001. | Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração . |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias) , a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito , de 12/08/2014 a 12/12/2014, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Rita De Cássia Peres . | Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 1018200512554 da seguradora Capemisa Seguradora de Vida e Previdência S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32). | Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |
| Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão. | |

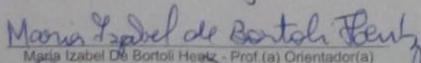
PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 560586

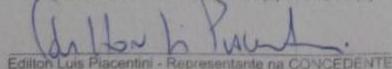
Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

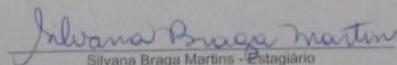
Estágio de observação em turma de 7º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

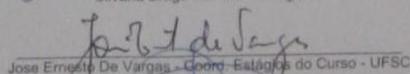
Local e Data:

Florianópolis, 14 de agosto de 2014


Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)


Edilton Luis Piacentini - Representante na CONCEDENTE


Silvana Braga Martins - Estagiário


Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC


Rita De Cássia Peres - Supervisor(a) no local de Estágio